

ENCONTRO 24

JORNAL DOS UNIVERSITÁRIOS CATÓLICOS

o cristão perante a técnica

por MÁRIO BIGOTTE CHORÃO

as suas implicações, assimilando os seus processos e para ele contribuindo de modo positivo, o fomento técnico. Em que medida, — caberá perguntar — se não reclamará, mesmo, a este respeito, pelo que toca a muitos cristãos de espírito mais retrógado, uma autêntica reforma de mentalidade?

A verdade, porém, é que a nossa situação presente nos deixa entrever como que uma conexão entre a crise de ordem espiritual e os sucessivos êxitos na ordem técnica, como se as fronteiras deste nosso «monde cassé», ortologicamente tão traumático, tivessem se confundido com as do universo ultratecnológico em que vivemos.

Antes de mais, são o carácter absorvente e monopolizador da actividade técnica e a plethora das inovações e conquistas mecânicas que, quando não compensados por um enriquecimento interior (o suplemento de alma a que Bergson alude), tendem a gerar um ritmo e um clima de vida próprios ao envilecimento espiritual e, no termo, ao desespero; depois, são o mau uso das técnicas, e, enfim, a subversão tecnicista — com a «ilusão de resolver os problemas da vida humana como se resolve um problema de linha de transmissão» (Gustavo Corção) — que agravam, a ainda mais, aquele processo de alienação, em que o homem, em vez de senhor, se torna escravo das coisas. A mentalidade tecnocrática mais não é que o fruto sazonado — e a causa também — de tais desequilíbrios e desvios.

Ora, é caso para indagar se não é ela, justamente, que tende a prevalecer num mundo que, à medida do seu avanço técnico, perde o senso do mistério e do sagrado, e se fanatiza no culto da eficiência, e faz deslocar o centro da gravidade da vida da esfera do *ser* para a do *ter* e da do *agir* para a do *fazer*, e, reduzindo o homem a um puro *objecto* (na acepção marceliana), o despoja da sua densidade ontológica,

que, o mesmo é dizer, da sua dignidade de pessoa.

Num mundo sob o signo tecnicista, a felicidade e o amor reduzem-se à dimensão de meros problemas e as relações humanas são tratadas como reajustamentos psicológicos (desconfio que

aos psicologistas do reajustamento se deve essa moderna literatura com toda a propriedade chamada de eficiência — «maneira de conquistar amigos e influenciar pessoas», «a felicidade ao al-

(Continua na pág. 11)

★ editorial

Eis-nos chegados, mais uma vez, àquela época do ano em que tradicionalmente ouvimos falar de paz e de alegria no coração dos homens. O mundo todo festeja e celebra essa data a que os cristãos chamam o Natal. No entanto, o Natal de hoje pouco tem de comum com esse outro que é a comemoração do nascimento de Cristo. Agora fala-se de alegria, fala-se de paz, mas tudo parece vazio. É como uma grande decoração que se mostra à nossa volta, para nos dar ilusão de muitas outras coisas que não existem.

Ora o sentido do Natal implica, antes de mais, que vivamos o que dizemos, radicados no amor, porque se comemora o maior acto de Amor pelos homens que jamais se pôde conceber: a encarnação de Deus.

Serão os universitários, especialmente os que professam a verdade d'Aquele que nasceu no primeiro e único Natal da História, capazes de restituir a esta festa um carácter interior e sagrado?

ENCONTRO publica neste número alguns artigos sobre a Técnica no mundo de hoje. Residem nela grandes esperanças do homem. Mas do modo como forem utilizadas e aproveitadas as extraordinárias possibilidades que ela oferece depende a solução de muitas questões que nos afligem ou a criação de novas dificuldades e conflitos.

Portugal, país tido e conceituado como pobre, no que se refere a recursos naturais terá, pelo menos, enormes oportunidades de suprir essa ausência de riqueza na medida em que souber orientar convenientemente, através do aproveitamento das técnicas mais qualificadas, o trabalho nacional. Ora, cabe aos universitários, sobretudo àqueles que se destinam a funções de orientação no campo das técnicas, industriais, comerciais, agrícolas ou quaisquer outras, um papel de maior responsabilidade. Compete, entretanto, à Universidade formar profissionalmente esses técnicos, dando-lhes, ao mesmo tempo, uma mentalidade sã e aberta, para que eles possam servir-se capazmente da técnica sem se tornarem uns simples tecnicistas.

Esse problema de extrema gravidade, que já toma, presentemente, proporções notáveis com a entrada em execução do II Plano de Fomento, irá pôr-se de um modo crucial dentro dos próximos anos, pela competência com que temos de dotar a nossa indústria, para podermos competir devidamente com países de técnicas mais evoluídas, dentro dos compromissos que acabamos de assumir em Estocolmo ao aderirmos à Associação Europeia de Comércio Livre.

Estará a Universidade preparada para desempenhar o papel a que é chamada neste sector? Estarão, pelo menos, os universitários conscientes da importância do assunto? Oxalá que a resposta pudesse não ser de todo negativa.



Ao evidenciar, com rara lucidez, como cada vez mais se torna necessária a mediação do filósofo entre o mundo das técnicas e o da espiritualidade pura, Gabriel Marcel atinge o nó deste nosso problema. É absurdo e inoperante, em nome de um equívoco espiritualismo, anatemizar as técnicas, mas urge denunciar a crescente ameaça da invasão tecnocrática. Eis as coordenadas que podem definir o campo desta breve reflexão.

Se apelarmos para o conceito da técnica e tivermos em conta que ela consiste numa disciplina destinada a assegurar o domínio de um objecto determinado, acaso puramente ideal, hemos de concluir, não só que ela é indispensável à vida, mas também que, tratando-se de um simples meio, ela é, em si mesmo, moralmente neutra.

Reputar a técnica expressão do pecado, ou falar da sua culpabilidade, é, pois, destituído de senso. Como também o é a ideia simplista dos que consideram a regressão espiritual da civilização mecânica como pura e inelutável consequência do

progresso técnico, e procuram obviar àquela, entrando este.

Antes, a afectar-se a técnica de algum sinal, este terá de ser positivo: ela não só visa assegurar um domínio do homem sobre as coisas — nas quais introduz um princípio de ordem e inteligibilidade —, e nessa medida se torna um factor de libertação, mas, inclusivamente, é susceptível de apurar no técnico uma certa consciência salutar daquele ascendente, e, ainda, de nele afervorar o culto de determinadas virtudes conexas com a exactidão e a probidade.

Eis, por que, em suma, outra não pode ser a atitude do cristão, senão a de encarar a técnica, em si mesmo, como uma glória do homem, um instrumento com que o Criador o dotou para que pudesse estender o seu império sobre as coisas. O que impõe, naturalmente, se não caia na fácil tentação do antimaquinismo (de que Mounier, em *La Petit Peur du XX.º Siècle*, indaga as causas psicológicas e sociais) e, mais do que isso, se procure acompanhar, consciencializando

Fundação Cuidar o Futuro

T. S. ELIOT um aspecto da sua obra dramática

Cheio como anda o pensamento do nosso tempo de influências e reflexos de doutrinas de inspiração existencial, não admira que o debate à roda do valor que o homem atribui ao seu próprio estar no mundo e da posição que consequentemente adopta em relação a ele surja como um dos tópicos mais comuns da literatura de hoje. Quer nos debrucemos sobre os grandes volumes considerados obras de tese do século, quer nos limitemos a folhear as novelas e romances sem número que todos os dias saem do prelo, por toda a parte encontramos equacionado o problema da definição ou determinação do indivíduo face à quotidianidade a que está preso e ao absoluto a que no seu íntimo aspira. E porque o drama, mais do que qualquer outro género literário, se presta a trazer à luz, não apenas juízos ou reflexões teóricas sobre a vida, mas as próprias situações em que a vida incarna, é, sem dúvida, neste sector que mais reflexos de tal problemática vamos encontrar.

Não é, porém, tão frequente como poderia supor-se a escolha desta perspectiva para fulcro da análise ideológica de uma determinada peça ou da totalidade da obra de um dramaturgo contemporâneo. Basta considerarmos o exemplo da crítica de que tem sido objecto a produção dramática de T. S. Eliot: constantemente novos autores se concentram na procura, para as peças, de uma interpretação

capaz de explicitar, o mais completamente possível, toda a gama de sugestões que, mais ou menos em potência, cada uma delas contém. Mas são muito mais numerosas as interpretações que se desenvolvem a partir de esquemas de ordem puramente literária ou psicológica, exteriores às ideias ou concepções consideradas como características da nossa época, do que aquelas que procuram precisamente aí o seu ponto de apoio.

por maria teresa santa clara gomes

Assim, vários autores se têm preocupado, por exemplo, em relacionar com a temática das tragédias gregas a concepção de base do drama eliotiano — distinguindo na vida das personagens três momentos a coincidirem com aquilo a que os antigos chamavam a «culpa original», o «caminho de purgação» e o «renascimento» num parto doloroso; como outros têm preferido debruçar-se sobre a poesia do Autor, à procura de expressões da sua vivência pessoal, cujas ideias lançarem alguma luz sobre o tipo de experiências que comunica nos dramas. Tendo, porém, T. S. Eliot, com a corrente naturalista do seu tempo, escolhido deliberadamente, para quatro das suas peças, situações e personagens da vida contemporânea, não será mais adequado procurar-se para elas uma interpretação que venha ao encontro da mentalidade da época actual, esclarecendo assim aqueles equívocos que tornam, em certos passos, extraordinariamente obscuras as situações absolutamente normais que o Autor traz à cena?

A procura de uma linguagem capaz de exprimir o carácter profundamente vital dessas situações e das respostas que a elas as personagens são convidadas a dar, facilmente nos apercebemos de que também aqui se tem que recorrer a uma terminologia de inspiração existencial. As diferentes fases do desenrolar da acção, que interessa referir são: uma «experiência — ponto de partida», que desperta para uma revisão de valores aqueles que a sofrem; um «processo de evolução» que é caminho de conhecimento próprio; e uma «opção» decisiva, face a uma alternativa de escolha entre o risco do Absoluto e a conformação passiva com o quotidiano.

Na impossibilidade de se ilustrarem aqui os três passos da interpretação sugerida, limitamo-nos a resumir algumas notas sobre o momento da opção na vida das personagens.

o momento de opção

«We do not pass twice through
the same door
Or return to the door through
which we did not pass»
(The Family Reunion)

Momento único, o momento de opção é, primeiro que tudo o referencial em função do qual todo o passado parece ter existido. Com ele esclarece-se subitamente muito do que até aí fora mistério na vida das principais personagens de cada peça: a ausência de Thomas, a espera longa e resignada das mulheres de Cantuária⁽¹⁾, os oito anos de fuga de Harry, as tentativas teimosas da sua família para manter pre-



sente um passado já vivido⁽²⁾, a monotonia da vida do casal Chamberlayne, as experiências dispersas em que Celia julga encontrar um sabor de Absoluto⁽³⁾, o esforço de habituação à carreira imposta que Colby resignadamente suporta⁽⁴⁾, o vazio de uma vida gasta, como a de Lord Claverton, na luta para conseguir ser alguém diferente de si próprio⁽⁵⁾ — tudo ganha sentido como preparação para esse momento.

Em «The Cocktail Party», por exemplo, Celia mostra-se perplexa ante a descoberta de que o seu desejo vago de partir para «qualquer parte» não era afinal aspiração utópica, mas uma como que intuição daquilo em que mais tarde viria a concretizar-se a sua vocação. Harry Monchensey, em «The Family Reunion», diz sentir que a decisão que vem a tomar estivera sempre presente na sua vida: «... It must have been preparing always, / and I see it was what I always wanted...»⁽⁶⁾. — E o coro de «Murder in the Cathedral», na linguagem densa de poesia que Eliot sempre lhe atribui, confessa, a propósito da morte de Thomas, que ela veio a partir o véu que ocultava o significado de todas as experiências do passado: «Every horror had its definition. / every sorrow

had a kind of end»⁽⁷⁾.

Termo de uma evolução, esse momento surge, simultaneamente, em relação ao futuro, com um carácter determinante, que parece conduzir, de forma quase fatídica, os acontecimentos posteriores. Ilustram-se alguns exemplos, extraídos de «The Cocktail Party»: Lavínia Chamberlayne, ao encontrar-se de regresso a casa depois daquela fuga de «trinta e duas horas» em que tudo sofreu uma viragem — afirma estar certa de que todos os «acontecimentos» que parecem esperá-la são conse-

quência inevitável da resolução que tomara de regressar à vida conjugal. Edward, seu marido, desesperado pela situação aparentemente irremediável de estar de novo com a mulher sem se entenderem, atribui também ao momento anterior em que tomara uma decisão, a sua impotência perante os factos então actuais. E o psiquiatra, a quem ambos recorrem na procura angustiada de uma solução para o seu caso, não hesita em dizer-lhes abertamente que qualquer ideia de liberdade que possam ter, depois da opção, é puramente ilusória: «... you are not free, / your moment of freedom was yesterday. / You made a decision. You set in motion / forces in your life and in the lives of others / which cannot be reversed...»⁽⁸⁾.

Não é, porém apenas negativa a influência da decisão sobre o futuro. Apesar de irrevogável, ela tem também uma faceta da frescura de um «ponto de partida». Depois da escolha, «... cada momento é um começo novo» — diz alguém na obra atrás referida.

De facto, todas as esferas de uma visão pessoal do indivíduo face às coisas e aos seres que o cercam, parecem sofrer uma renovação profunda nesse momento em que ele, de uma maneira única, afirma a sua liberdade, definindo-se perante os outros homens, perante si próprio e perante Deus. As Mulheres de Cantuária, em «Murder in the Cathedral», sugerem que a «opção» de um homem tem o poder de alterar o próprio universo. Contrastam os sete anos em que partilharam do ritmo nunca interrompido da natureza, com o tempo futuro em que, pela decisão de Thomas, lhes não será talvez

a visita dos magos

«Foi uma viagem fria,
A pior época do ano
Para uma viagem, e para uma viagem tão longa:
Os caminhos sulcados e o tempo agreste,
O mais gelado inverno.
E os camelos ensanguentados, estropiados, insubmissos
A deitarem-se na neve amolecida.
Quantas vezes evocámos com saudade
Os palácios de verão nas colinas, os terraços
E as raparigas vestidas de seda a servirem sorvete
Sem falar nos guias dos camelos que praguejavam e resmungavam
E fugiam e exigiam o seu licor e as suas mulheres,
E as tochas que se apagavam, e a falta de abrigo
E as cidades hostis e as vilas com má vontade
E as aldeias sujas a pedirem-nos preços exorbitantes:
Foi um tempo duro.
Por fim caminhávamos durante toda a noite,
Dormindo aos bocados
Com vozes a cantarem-nos aos ouvidos, dizendo
Que tudo aquilo era loucura.

Tudo isto se passou há muito tempo, lembro-me bem,
E estaria pronto a partir de novo, mas reparai
Reparai nisto:
Fôramos conduzidos ao longo de todo esse caminho para
O nascimento ou para a Morte? Houve um Nascimento, com certeza,
Tivemos a prova disso, sem qualquer dúvida, eu tinha visto nascimentos
e mortes.

Mas pensara que eram diferentes: este Nascimento foi
Uma agonia amarga e dolorosa para nós, como a Morte, a nossa morte.
Voltámos para casa, para estes reinos,
Mas já não estamos à vontade, na ordem antiga,
Com um povo estrangeiro preso aos seus deuses.
Uma nova morte seria uma Alegria.

1927

T. S. ELIOT

(Continua na pág. 11)

«A ALEGRIA»
de georges bernanos
George Bernanos, o escritor debruçado sobre a condição do homem visto como filho de Deus, transmite-nos neste romance de corte psicológico aquela alegria que inunda a alma liberta, mercê de um longo e difícil processo de purificação das pequeninas alegrias quotidianas e dos laços da sensibilidade.
editorial ASTER

Fundação e do Futuro
CUIDAR
O FUTURO

ENCONTRO

Página 2

Não pode nunca falar-se do que se não viu. Nunca vi nenhum filme de Ingmar Bergman, porque nunca saí de Portugal. Lembro-me, um pouco vagamente, do terrível script que escreveu para *Tortura*, o filme de Alf Sjöberg, a que assisti entre bocejos, murmúrios de desagrado e incompreensão total da plateia.

Depois, é o silêncio. Para o ano, graças a Deus, teremos finalmente Ingmar Bergman em Portugal. Dois filmes, apenas: quando veremos toda a sua obra? Enquanto não chega, poderemos meditar um pouco na lição que vem da sua personalidade criadora, da sua posição única no mundo do cinema — procura que tem oferecido aos que, como ele, se inquietam e procuram dentro do Homem.

Superioridade. O cinema de Ingmar Bergman escapa, como o dos criadores verdadeiramente grandes, às mesquinhas discussões intelectuais

mos, a um fio profusamente colorido e emergindo das profundezas do inconsciente. Se desenrolo este fio com muito cuidado, poderá sair um filme completo».

Este é o mundo interior no qual se move o processo de criação. Mas é também o mundo interior onde existem os recursos dramáticos capazes de erguer o filme. O cinema, para Ingmar Bergman, é um derramento, pelas suas personagens e pelo mundo que a rodeia, das descobertas interiores feitas com uma sinceridade e uma força que desafiam qualquer crítica a um possível subjectivismo. Subjectivismo que neste caso seria sinónimo de uma procura de equilíbrio e não de uma recusa de membro da comunidade humana.

Porque se dirige primariamente ao Homem, à descoberta persistente da sua alma e do seu coração, das forças naturais e sobrenaturais que o dominam, o cinema de Ingmar Bergman co-

filme permite fazer surgir mundos previamente desconhecidos, realidades que ultrapassam toda a realidade».

Assim, em Ingmar Bergman, o natural e o sobrenatural andam de mãos dadas: e a chave para abrir a porta do sobrenatural é o mistério, que chega a ter realidade física. Bergman não é um realista no sentido tradicional da palavra, porque os dados da realidade servem-lhe para mais alguma coisa do que para a sua simples exposição. Ele utiliza-os como portas para o mistério, porque ele está presente na realidade.

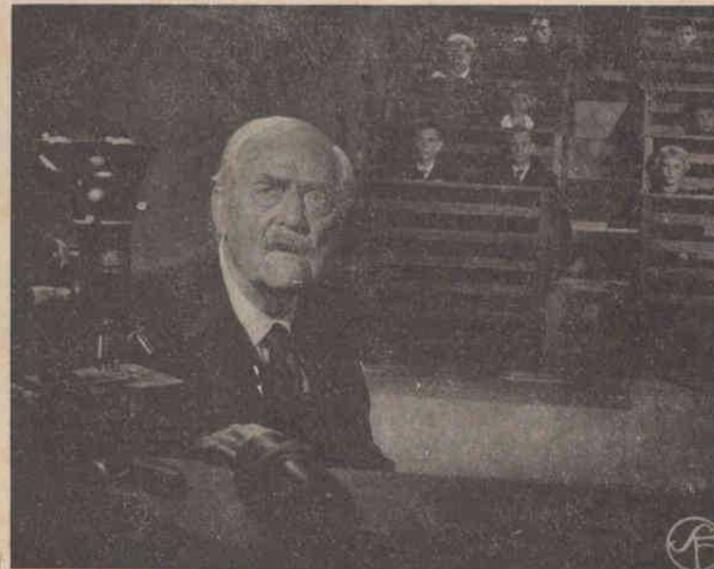
Normalmente, nós não meditamos nestas coisas: a realidade parece-nos completa. Só nos momentos íntimos, solitários, é que começamos a pensar, a sentir melhor qualquer coisa que não sabemos exprimir e nos abandonamos quando a vida chama por nós. Nesses momentos totais, estamos dentro do mistério, e é então que nos

man a esse momento supremo, ou quedará, morto de cansaço, no meio do caminho certo? Até pela dúvida, o cinema de Ingmar Bergman merece o nosso respeito.

Situado no verdadeiro plano da insatisfação artística, Bergman confessa: «Sejam ditas ou não todas as fórmulas mágicas que quisermos, exaltemos a nossa humildade e rebaixemos o nosso orgulho, a verdade é que seguir os imperativos da consciência artística não passa de uma perversidade

emocionar-se ou amedrontar-se, a viver uma experiência cheia de atractivos. Eu sou responsável pela qualidade dessa experiência. É a única justificação da minha actividade».

Eis aqui, em breves palavras, a base da honestidade profissional de Ingmar. Ele não se apresenta como um monstro de orgulho, deprezando o público e considerando-se superior pela sua qualidade de artista. A superioridade do director sueco consiste precisamente em le-



apresentação de INGMAR BERGMAN

tuais e ao juízo do público médio. E escapa porque é uma procura profundamente individual, profundamente humana. Bergman pensa, sente, intui e aproveita esse maravilhoso dom para dar um pouco de si aos que o sabem ouvir. Ouçamo-lo falar dessa vida interior que é a origem dos seus filmes, desse estado de alma onde surgem «os pormenores insignificantes, mal definidos: uma reflexão formulada de improviso ou uma mudança brusca na frase, um acontecimento obscuro, mas sedutor, sem relação precisa com a situação que nos preocupa. Podem ser algumas notas de música ou um raio de luz atravessando a rua. No conjunto, trata-se de impressões fugidias que fogem logo depois de aparecer, mas que deixam atrás de si o sentimento de um sonho maravilhoso.

Assemelham-se, se quiser-

loca-se num plano superior ao da pesquisa terrena e imediata. Pode haver crítica, mas «a priori», isto é, podem criticar-se os meios mas não o fim. Numa palavra, o cinema de Ingmar Bergman tenta mostrar-nos que a procura interior do homem é mais útil e actual que a análise da sua posição como membro de uma colectividade. Em Ingmar Bergman discute-se a forma, não o fundo.

Mistério. O cinema de Ingmar Bergman penetra o mistério. O mistério do mundo, o mistério das relações entre os homens, o mistério dos sentimentos humanos. Nos seus filmes de maior empenho, tudo isso está misturado numa dose que só um Dreyer, um Renoir, um Fellini conseguiram encontrar. Para ele, o sentido do mistério prevalece sobre quaisquer outros chamamentos: «eu nunca me esqueço que o

conhecemos melhor, quando a nossa natureza parece obedecer a forças que normalmente desprezamos.

Ingmar Bergman joga precisamente com esses momentos, com essas situações-limite de humanidade. Como é um homem que se procura, sabe transmitir-nos essa procura e dar-nos, não a solução, mas o caminho de uma procura sincera. Sinceridade, pois: eis outra das características do seu cinema.

Intuindo e transformando

da carne, constituindo o resultado de longos anos de mortificação e de alguns instantes sublimes de verdadeira ascese e de combate. Ao fim e ao cabo, tudo vem a dar no mesmo: no ponto de fusão encontra-se esta zona entre a fé e a submissão a que podemos chamar evidência artística. Gostaria de precisar que este não é de modo nenhum o meu objectivo único, mas que me esforço sempre por conservar a direcção escolhida».

A isto chama Ingmar Bergman os «imperativos da

var ao justo desejo do espectador o entendimento da sua mensagem. Em mais de um passo das suas declarações, Bergman mostra simpatia pela concepção medieval do artista, fazedor de arte, arte que fosse ao coração e à inteligência de todos os homens. Esta concepção, evidentemente, é cara ao seu ideal.

Outra característica importante é a noção da responsabilidade profissional, da necessidade da aprendizagem. As obras mais significativas de Bergman são

por LUÍS DE ANDRADE DE PINA

em expressão esses primeiros passos na antecâmara do mistério do mundo, Bergman caminha para o sobrenatural, para encontrar os traços de Deus e do Diabo. Os homens, já ele os dissecciona na sua intimidade e, neste sentido, não há cinema mais realista que o de Ingmar Bergman, que não recua perante as mais ousadas manifestações de amor, cujo erotismo se justifica porque nunca é gratuito nem mórbido. Conhecidos os homens, é mais fácil encontrar as forças que actuam dentro das suas almas, as correntes do espírito que os dominam e que só o encontro em Deus pode salvar. Chegará Berg-

man a sua consciência artística». Nós chamar-lhe-íamos, muito simplesmente, a consciência da sua missão, no sentido total da palavra.

Consciência cinematográfica. Diz-nos Ingmar Bergman: «Adquiri uma espécie de fé, baseada em três mandamentos de uma eficácia imbatível que se tornaram indispensáveis à minha actividade no mundo do cinema. O primeiro poderá parecer um pouco indecente, mas nasce da mais nobre moral. Ei-lo: *Terás de divertir sempre o espectador.*

Isto significa que o público dos meus filmes, meu verdadeiro ganha-pão, tem o direito de esperar divertir-se,

obras maduras, perfeitas no sentido artesanal, impecáveis, brilhantes. Mas não o eram as primeiras, embora fosse reconhecível nelas o mesmo aceno de sinceridade que hoje se descobre nas últimas. Ou seja, o cinema de Ingmar Bergman apresenta não só uma evolução, que se traduz no aperfeiçoamento da linguagem, como um ponto de chegada onde o autor se demora porque não sabe como sair da perfeição.

Todos os elementos técnicos são perfeitamente dominados por Bergman de modo a conjugá-los numa lingua-

Continua na pág. 8

curtas METRAGENS

Neste momento, em que toda a Igreja manifesta um vivo interesse pelo cinema, no momento em que os religiosos portugueses, tomando a peito a sua responsabilidade de educadores cristãos, incluem nas suas preocupações a de formarem os seus alunos dentro de uma sã educação cinematográfica (vêm a público os resultados do trabalho do P. José Carvalhais S.J., realizou-se em Lisboa um Encontro de Estudos Cinematográficos para Educadores Religiosos...), os universitários católicos de Lisboa «servem-se» do seu cineclub — Centro Cultural de Cinema, cineclub de universitários para uma cultura cinematográfica cristã — apenas para verem cinema duas vezes por mês.

Foi publicado novo diploma regulando os espectáculos públicos em Portugal. Continua esquecido o «estatuto do cinema não comercial». Continua esquecido um condicionalismo legal que permita aos cineclubes a realização integral dos seus objectivos. Continua esquecido... etc., etc.

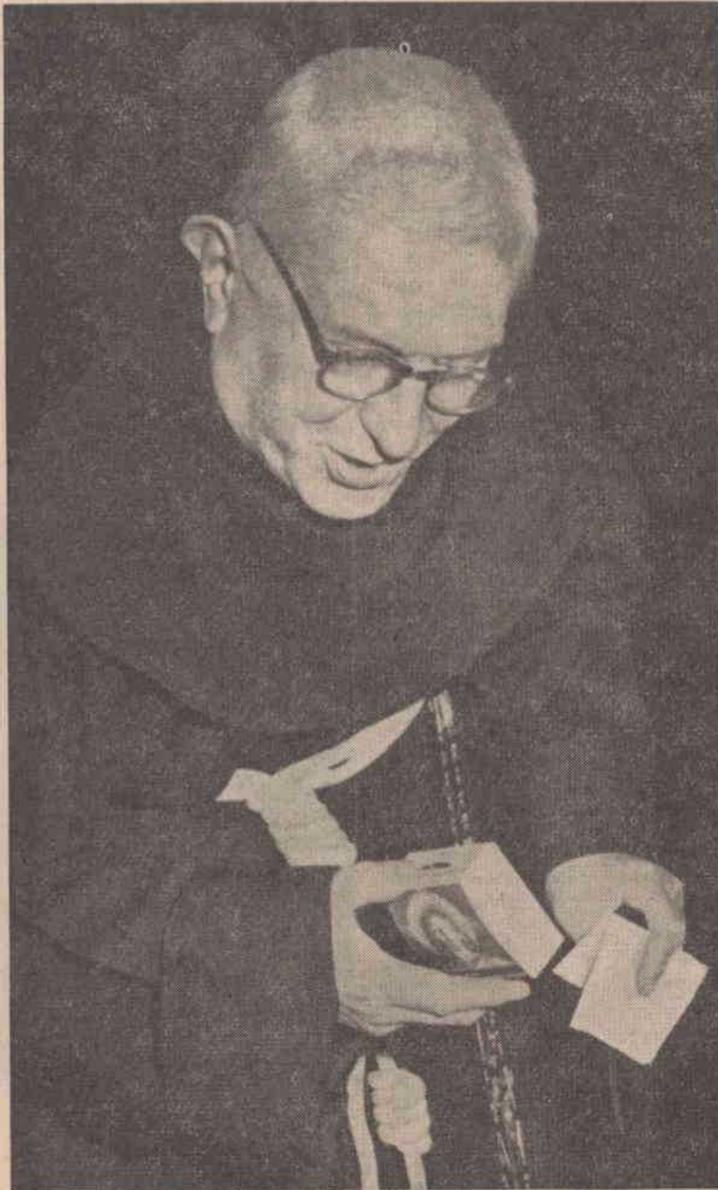
Entretanto, continuamos com Costureirinhas da Sé que nem as aprendizas de alfaiate puderam suportar e com Homens do Dia que a sã mentalidade das serviças de limpeza (mulheres a dias e outras) também rejeita por «não terem nível», e julgamos que os problemas do nosso cinema são problemas de folclore, de patrioteirismo, de «alma nacional» com fadinhos e tudo.

E de há quinze anos para cá (sem enjeitar o mau que também houve) tudo quanto de bom e sério se fez pelo cinema em Portugal é pertença do movimento cineclubista.

VER

Em 15 de Julho passado desapareceu do mundo este franciscano ilustre que foi considerado como «uma das figuras mais eminentes do nosso tempo». Milanês de origem, foi educado fora da fé cristã. Estudou no Colégio Nacional Longone, onde seus professores o classificaram com insuficiente. Isto não impediu que aos 18 anos se matriculasse na Faculdade de Medicina da Universidade de Pavia, onde, desde muito cedo, revelou especial gosto pela investigação. De espírito generoso e ardente, tornou-se o chefe dos estudantes socialistas, que agrupou à volta do jornal *La Plebe*, de sua fundação. Em 1898, quando discursava à plebe em Pavia, foi ferido com uma pedrada e a 5 de Maio desse mesmo ano estava à beira de ser morto num recontro com as forças armadas, em defesa da bandeira vermelha, que estava para ser arrebatada ao alferes. Em 1902, recebeu o doutoramento em Medicina. Professava então uma concepção materialista da vida e, sob a orientação do prof. Camilo Golgi, de reputação mundial, prosseguiu a investigação científica com entusiasmo.

Na mesma Faculdade de Medicina encontrou um adversário e um amigo, o «clerical» Ludovico Necchi,



PADRE GEMELLI (1878-1959),

Fundação Grande mestre,

grande crente e

grande combatente em favor da cultura católica

como lhe chamava, com quem sustentava frequentemente duras polémicas e a quem admirava pela sua rectidão e sinceridade. O tema mais frequente das conversas era a existência de Deus. Estas discussões prolongaram-se mesmo quando prestavam serviço militar como ajudantes-mores no hospital da Praça de Santo Ambrósio em Milão. «Todas as manhãs, conta Olgiati, Necchi saltava da cama, roubando um pouco de tempo ao sono e descia à capela das irmãs, empregadas no hospital militar. Ouvia missa e comungava... Uma tarde o seu companheiro disse-lhe: «Ouve, Necchi, amanhã de manhã acordame, quando te levatares. Estou morto por ver o que é que tu vais fazer. Quero ir contigo». — Está bem, respondeu Necchi. De manhã, desceram à capela. Gemelli, pôs-se ao fundo, por detrás dos bancos, com os braços cruzados, a observar tudo em silêncio. A saída mostrou-se frio e indiferente. Voltaram as discussões. Sobreveém, todavia, a quinta-

-feira santa de 1903. Muito de manhã, Ludovico Necchi ouve o seu amigo dizer-lhe: «Necchi, vem comigo à igreja». Necchi encara-o, não podendo crer no que estava acontecendo. Depois, compreendendo tudo, murmurou: «Está bem. Vamos já: subito, andiamo!».

E quando na basílica ambrosiana viu Gemelli ajoelhado, com a cabeça entre as mãos, pôde ver que o caso era sério. «Leva-me a um padre» — disse-lhe seu companheiro. E Vico, assim era conhecido Necchi, conduziu-o a D. Giovanni Pini, então secretário da Biblioteca ambrosiana. As visitas a D. Pini e depois ao padre Mattiussi multiplicaram-se e, numa bela manhã, Necchi teve Eduardo a comungar a seu lado, na capela. Terminado o serviço militar, Gemelli tomou o hábito de terceiro franciscano a 17 de Julho de 1903, com a idade de 25 anos, e entrou, depois, no convento dos Franciscanos de Rezzato, em 23 de Novembro do ano seguinte. Fez a sua profissão religiosa a 23

de Novembro de 1907 e foi ordenado de sacerdote a 14 de Março de 1908.

A sua conversão teve uma repercussão enorme, principalmente nos meios que o jovem médico frequentava. O jornal socialista de Milão falou dele como dum «suicida da inteligência». O jornal maçónico «Lombardia» referiu-se-lhe, chamando-lhe «trânsfuga da vida, suicida, vencido!». A família pediu a intervenção de dois alienistas, que se apresentaram um dia no convento, sem nada conseguirem nos seus intentos. Os jornais anticlericais falaram de «sequestração».

A mentalidade positivista, materialista e cientista da época, dentro duma perspectiva naturalista, admirava-se da transformação espiritual de Gemelli. Mas o caso tinha de ser visto desde outro ângulo. Gemelli não era apenas um técnico em medicina. Era um homem. Não estudava apenas os problemas da fisiologia. Estudava também os problemas da antropologia. Para além dos casos clínicos, ele reconhecia a exis-

ENCONTRO apresenta: concurso de poesia • conto • ensaio

No número anterior, ENCONTRO lançou as bases do seu concurso de literatura e ensaio, convidando desde logo todos os universitários portugueses a tomar parte na iniciativa. O interesse e a oportunidade do facto parecem indiscutíveis. Afigura-se mesmo que é lícito encontrar uma dupla ordem de razões que fazem avultar o acontecimento. Se não é novidade no nosso meio cultural, e nomeadamente dentro da Universidade, o lançamento dum concurso de poesia e conto, o próprio facto de se abrir um concurso de ensaio parece já constituir um esforço de novidade e de incentivo

ENCONTRO CONVIDA OS UNIVERSITÁRIOS PORTUGUESES A PARTICIPAR NO SEU CONCURSO DE LITERATURA E ENSAIO

curam adquirir e ordenar conhecimentos, a quem cabe construir a cultura.

E, nesta linha, parece também de salientar o tema escolhido para a modalidade ensaio: «Para a construção

«PARA A CONSTRUÇÃO DA CIDADE FUTURA»: EIS O TEMA QUE ENCONTRO PROPÕE A REFLEXÃO DOS UNIVERSITÁRIOS PORTUGUESES

da cidade futura». A grande, a específica tarefa do universitário é pensar o seu tempo para depois, por suas próprias mãos, construir a cidade futura. Mas esta não pode ser uma cópia acéfala de modelos importados e aprendidos. Terá de ser erigida a partir do aqui e do agora, e, para tal, não é amanhã que o universitário vai meditar e reflectir: há-de ser hoje, ou nunca mais o será.

ENCONTRO, ao escolher aquele tema, quis encorajar, desde já, os universitários a pensar o seu tempo, para ganharem para si a cidade que amanhã será a deles.

dução, não apenas àquele grupo mais ou menos restrito dotado de aptidões de criação literária, mas à totalidades dos universitários na sua condição mesma de estudiosos, de pessoas que pro-

tência dum reino psicológico, ético, religioso mesmo, ainda por desvendar, a que não poderia ser estranho. Eis a razão por que, com desusado desassombro, numa época em que os cientistas tinham enveredado pelo materialismo e positivismo, ele quis dar uma prova da relação necessária entre fé e razão, entre ciência e religião. A sua conversão começou por ser, sinceramente, a correspondência a uma interrogação pessoal. Mas de posse da verdade, Gemelli procurará ser, com a sua combatividade, com a sua cultura e com a sua fé, um arauto do espiritualismo junto de seus contemporâneos eivados de preconceitos e de racionalismo.

Desde o início da sua conversão, uma ideia central o preocupa: o da fundação duma Universidade Católica na Itália. Em 1907, encarregado pelos superiores de fazer um discurso, tomou como tema: «Porque é que os católicos italianos devem ter uma universidade própria». Afligia-o que a verdade ca-

tólica não tivesse uma cátedra onde pudesse ser ensinada desassombadamente. Para amadurecer esta ideia, pôde visitar as mais célebres universidades do tempo: Bonn, Amsterdam, Frankfurt, Viena, Mannheim, Paris e Lovaina. Por esse tempo estavam em liça os acontecimentos de Lourdes, sendo célebre a conferência de duas horas que proferiu perante uma assembleia de médicos e a nova conferência de duas horas e meia para responder a 17 médicos que lhe objectaram na primeira e que foram vencidos pela calma e lógica contundente de homem sábio e objectivo. Era em 1909, ano em que fundou a Rivista di filosofia neoscolastica. Em 1911 doutorou-se em Filosofia pela Universidade de Lovaina. Em 1914 foi recebido como libero-docente de psicologia experimental na Universidade de Turim. No mesmo ano lançou a revista Vita e Pensiero, e, tendo reventado a Grande Guerra,

(Continua na pág. 11)

Universidade

A INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA e o trabalho de equipa pelo Prof. A. Câmara

Já ninguém põe em dúvida a importância verdadeiramente transcendente da investigação científica. Em múltiplos escritos se tem afirmado, com larga cópia de exemplos, que as pesquisas têm resolvido inúmeros problemas da produção, que em muitos campos de actividade as suas intervenções são coroadas de sucesso, que graças a elas se têm dado passos consideráveis, senão decisivos no avanço das ciências. Variadas publicações de muitos países mostraram, no decorrer deste último século, que se deve olhar a investigação científica como poderosa ferramenta do progresso — arma eficaz de luta a favor da Humanidade, instrumento de educação e de elevação social.

O elogio da investigação científica, das suas profundas repercussões, tem sido proferido tantas e variadas vezes, que hoje, ao abordar-se este tema, se corre grande risco de repetir afirmações muito conhecidas, de cair em lugares-comuns, de nada dizer de novo sobre tão importante matéria. E, no entanto, há conveniência em chamar as atenções, sempre que seja possível, para o estudo dos múltiplos aspectos da organização da investigação científica, sobretudo para que constitua salutar propaganda, para que os Governos

se decidam e cada vez mais a apoiar as instituições que a realizam.

Se se olha a extrema eficácia da investigação em melhorar as condições materiais da vida das populações, ver-se-á uma extraordinária multidão de casos em que as sociedades beneficiaram das suas conquistas. A história da investigação científica dos últimos tempos na última grande guerra, com as novas armas que criou, com o advento do radar, a conquista dos antibióticos, as descobertas feitas nos domínios da energia atómica, na melhoria da saúde pública, na produção agrícola, na indústria, no lançamento dos satélites, nessa espectacular competição entre os «Sputniks» e «Luniks» da Rússia, e os vários satélites mandados para o espaço, pelos Estados Unidos, tudo isso demonstra como tal investigação está na base dos grandes e vitoriosos avanços no mundo do desconhecido. Poderá dizer-se mais que a investigação científica está atenta às necessidades, alerta, pronta a intervir, a determinar as melhores soluções, para os problemas que preocupam os homens. Charles Kettering, o famoso cientista norte-americano, pôs em relevo esse valor potencial da investigação, definindo-a de forma impressiva. Para ele, in-

vestigação científica é «an organised method of finding out what are going to do when you can't keep on doing what you are doing now» — «Um método organizado para descobrir o que você vai fazer, quando já não pode continuar a fazer o que está a fazer».

A estrutura dos laboratórios tem mudado consideravelmente nestes primeiros 50 anos do século XX. Não nos referimos a questões de material e de instalações, embora seja óbvio que nesses houve transformações fantásticas. Queremos aludir à evolução verificada na maneira de agir do pessoal científico, em particular ao nascimento e desenvolvimento duma psicologia favorável ao trabalho de «equipas».

Pode dizer-se, sem exagero, que nas primeiras duas décadas predominava o tipo do laboratório digamos «patriarcal», em que os investigadores se agrupavam em torno dum dirigente mais velho, mais experimentado, com mais prestígio, que encaminhava, orientava e impelia todo o trabalho dos restantes.

No presente, questão essencial, é a necessidade, ou melhor, a indispensabilidade de investigação se fazer por equipas. Não quer isto dizer que não possam existir trabalhadores isolados que mercê do seu talento, da sua cultura, das suas qualidades excepcionais, realizem obras portentosas. Quer apenas significar que numerosos problemas actuais exigem a colaboração de muitos cientistas, e que os homens têm de trabalhar em condições que formam as equipas, lançando-se ao ataque frontal a tais problemas, se bem associados, treinados e estimulados, dão mais garantias de êxito, facilitando a determinação mais rápida das soluções convenientes.

Os laboratórios actuais oferecem este aspecto característico da nossa época: mostram tanta mais vitalidade criadora, quanto mais íntimas cooperações conseguirem estabelecer, quanto mais forte, enérgico e constante for o espírito das equipas que lograrem criar e manter.

Não se refere um facto novo — pelo contrário todos que prendem as suas vidas à acitividade dos laboratórios o sabem perfeitamente — afirmando que o «moral» duma equipa é o factor mais importante, entre todos que se possam considerar, para assegurar a vitalidade e o sucesso duma organização de investigação.

Ao falarmos de uma equipa de investigação, aludimos ao sentimento que nela deve predominar, do trabalho entusiástico em grupo, em que os estímulos surgem a cada passo e em que os esforços se valorizam pelos exemplos permanentes que temos à nossa volta.

A grandeza dessas equipas varia naturalmente de caso para caso. Haverá situações em que as equipas não ultrapassam uma escassa meia dúzia de investigadores ou mesmo menos e haverá outras em que ultrapassarão algumas dezenas. Só para citar um exemplo, podemos referir que o fascinador problema da síntese do antibiótico a *cloromicetina* exigiu o trabalho combinado duma equipa de 67 trabalhadores científicos: 7 bioquímicos que isolaram a *cloromicetina* natural, 7 químicos que estudaram a química da droga, 16 cientistas que a sintetizaram, 19 microbiologistas que procederam aos vários «tests», 12 farmacologistas que estudaram a toxicidade do antibiótico e a sua dosagem, e 6 virólogos que analisaram as aplicações da droga nos ataques de certos vírus e de *Rickettsiae*. Este número é suficientemente elucidativo para mostrar como an-

Iniiciou-se mais um ano de vida universitária, tempo que se poderá ganhar ou que se poderá perder. Em boa parte os resultados positivos, que irão construindo uma Universidade melhor, dependem dos nossos esforços, ao lado da boa vontade que pretendemos encontrar nos Corpos Docentes. Ora, além doutros aspectos (como um estudo sério e metódico) é muito importante o trabalho das Associações Académicas. Para tal exige-se de nós um esforço consciente, verdadeiro respeito pelos outros e imparcialidade. Um esforço consciente, isto é, um desejo de trabalhar que assente numa reflexão simultânea sobre os problemas universitários. Verdadeiro respeito pelos outros, ou seja colaboração e diálogo, sem preconceitos e também sem abdicação nem eclectismo. Finalmente, a imparcialidade que se traduz numa consideração independente sobre as necessidades reais dos universitários e das organizações universitárias, sem a qual não se respeitará e se iludirá a natureza própria das questões a resolver e em vez das soluções de que a vida académica precisa surgirão a falsificação e a divisão.

reflexões

Um dos males de que sofre o nosso meio universitário é o da falta de iniciativa, e particularmente de iniciativas que permitam o contacto e o estudo comum de professores e alunos.

Esta é uma razão importante para salientarmos a organização dum curso sobre problemas do trabalho no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, cuja realização partiu do Gabinete de Investigações Económicas em colaboração com a Associação Académica, pertencendo a direcção do curso a um professor desse Instituto e sendo as lições dadas por aquele e por alguns outros diplomados. Além da exposição há debates.

Outro aspecto é ainda de realçar. Analisar num curso desta ordem problemas tão importantes e tão actuais (os temas gerais são: as classes trabalhadoras e os seus problemas; os sindicatos; história e teoria; as relações colectivas; o trabalho na empresa; o Estado e os problemas do trabalho) é dar um sério contributo para o esclarecimento de questões fundamentais e para uma aplicação mais concreta de noções que se estudam, geralmente, desligadas das realidades a que se referem e das necessidades do País.

revista da imprensa UNIVERSITÁRIA

O CRISTÃO E A CULTURA —... a nossa situação não é cómoda. Vivemos numa época de transição rápida, de eclosão: donde o soar a falso da fé em relação à cultura. A cultura em que nasceu a nossa fé é essa cultura antiga onde se encarava o mundo como uma ordem fechada, hierarquizada, estável. Quando rezamos, vemos ainda o mundo tal como o encaravam os nossos antepassados desde os povos nómadas até ao século passado. Esse mundo chegou para a contemplação dos homens durante milénios. Vasto sem ser ilimitado, continha tudo de que o homem tinha necessidade: Inferno, Paraíso, o próprio DEUS, um DEUS bastante próximo de nós para que ressentíssemos a Sua presença como a dum mestre ou dum pai, enfim um mundo pouco mais ou menos à medida do homem... Aquele que a ciência nos revela surge-nos tanto menos divino quanto mais desumano. Os espaços imensos que o telescópio nos impõe, o medonho amontoamento de matéria estelar, a agitação frenética de tudo o que existe, do átomo à galáxia, as forças terríveis que aí se encontram, tudo isto faz estremecer a nossa imaginação religiosa, a nossa sensibilidade religiosa; criam-se em nós dois seres, duas presenças no mundo; tornamo-nos dois repartidos entre as imagens tradicionais em que se situa a nossa fé e as imagens fantásticas, angustiantes que nos surgem das leituras profanas... É preciso caminhar decididamente em frente, e simultaneamente abrir a nossa cultura às realidades que a ultrapassam mas lhe dão um sentido e elevam a nossa imaginação e sensibilidade de

crente às dimensões do mundo real, sempre convencido, no entanto, que todo este esforço de ajustamento e amadurecimento, apesar de meritório e indispensável, não valerá nunca o mínimo movimento da verdadeira caridade, «porque isso é de uma outra ordem, sobrenatural».

(«O cristão e a cultura», por Jean Onimus. CIVITAS, Revue de la Société des Etudiants Suisses, Julho 1959).

Para um Desporto Universitário em Portugal

(...) [Conclusões]: 1.º — O Desporto Escolar é a base. Que a verba para construções novas seja mais para ele do que para um Desporto Universitário que ainda nem existe. 2.º — O Desporto Universitário que possa existir actualmente não tem falta de instalações feitas. Elas existem. O Desporto Universitário precisaria apenas de organização, boa vontade real das entidades superiores e a liberdade e facilidade de acção que só um aumento da compreensão das entidades superiores poderia facultar. 3.º — Não se pode só criar o Desporto Universitário. O Desporto Universitário faz parte de um todo que é o ensino universitário. A organização tem de ser geral para ser útil, e não se pode organizar apenas a parte desportiva dum todo que em si não é organizado.

(Eng.º João Raimundo, «Para um Desporto Universitário em Portugal» in BOLETIM DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA, N.º 2-1959, págs. 95-107).

dam totalmente arredados das realidades, aqueles que crêm ingenuamente que na maioria dos casos um único investigador, trabalhando isoladamente, consegue prodígios e que nem sequer é preciso atribuir-lhe vastos recursos materiais, julgando que a moda continua a ser a dos tempos de Pasteur, em que algumas instalações miseráveis chegavam para que um grande génio se pudesse revelar em toda a sua plenitude.

A constituição duma equipa pode oferecer dificuldades, evidentemente, se as pessoas que a hão-de constituir não estiverem preparadas ou educadas para o trabalho em grupo. O que se passa na investigação científica verifica-se em todas as actividades que exijam o trabalho em conjunto. Sucede muitas vezes que as pessoas trabalhando em dado ramo desconhecem por completo o que se faz paredes-meias, em actividades afins, ignorando-se os métodos ali usados e os êxitos obtidos. Não é novo que algumas vezes se saiba melhor o que se passa nos antípodas do que se passa a alguns metros de distância.

Uma equipa forma-se à custa de múltiplos trabalhos, de dedicações, de entusiasmos. Quando se tem a possibilidade de dispor, nas garnições dos laboratórios, de elementos que estejam encaminhados, para a renúncia, para o sacrifício, o sentimento da equipa brota vibrante e intenso, pronto para as grandes obras.

O grupo constitui-se a pouco e pouco em torno de uma figura central, um elemento mais velho, mais experimentado, com mais prestígio, que tenha dados as suas provas, que já fornecesse algumas contribuições para o esclarecimento dos problemas capitais que a equipa deve enfrentar.

Será à custa da educação progressiva, que a equipa se vai organizando não só com os elementos científicos e técnicos necessários, mas com os seus auxiliares e todos

os outros trabalhadores que tenham de intervir na obra comum.

O trabalho em equipa mostra muitas vezes que existem entre os seus membros qualidades especiais, que anteriormente se não suspeitava, conhecimentos, engenho e persistência.

Pode apregoar-se com insistência que o espírito de coesão tem de resultar em primeiro lugar da compreensão mútua e que esta só é possível quando existe essa flor rara mas indispensável a tolerância, que conduza, pelas estradas cobertas de abrolhos da humildade, à conquista da simplicidade e da generosidade.

A coesão da equipa pode ser minada e destruída, se acaso se deixa infiltrar nas organizações o vírus terrível da hipocrisia. Se os elementos de tal equipa forem useiros em manifestações hipócritas, mais empenhados na intriga do que na realização do seu trabalho, é praticamente inútil tentar formar com tais elementos uma equipa. Sofrer-se-iam múltiplas decepções sem se encontrar o caminho em que todos se respeitassem mutuamente, onde se estabelecesse uma estima recíproca.

Estas considerações levam-nos a conceber que para a constituição das equipas de investigação é condição necessária dispor de bons guias, de bons «leaders». O «leader», aquele que dá os exemplos e que é capaz de insuflar energias, é a pedra angular de todo o processo que conduza à constituição da equipa.

Um bom «leader» tem consciência de que o papel que tem a desempenhar consistirá essencialmente em libertar e valorizar as energias latentes que se encontram nos membros da equipa. Para isso não se cansará em procurar colaborações, o bom conselho dos elementos que dirige, conseguindo que as responsabilidades se sejam compartilhadas por todos, numa atmosfera de benevolência e compreensão. Como alguém escreveu, o «leader» ganhará força de persuasão, pela sua habilidade em fazer participar aos

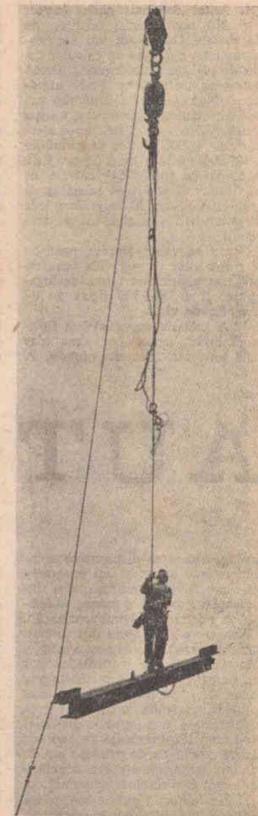
(Continua na pág. 11)



o humanismo da técnica

por
maria de lourdes pintasilgo

suas potencialidades como homens — então está-se no caminho certo para uma técnica posta ao serviço do homem.
Não é um homem vago e irreal que determina o progresso técnico. É o homem de hoje, com toda a sua imensa dignidade de filho de Deus, que entra em diálogo com a técnica. É ele que surge com as exigências inadiáveis da sua vocação de homem «para quem são todas as coisas», porque «ele é para Cristo e Cristo para Deus».



Desta nossa civilização em que a técnica se estende a círculos cada vez mais amplos, impregnando os costumes, as ideias, os conceitos, vem o apelo dum referencial profundamente humano que ajude a situar a técnica e a projecte no plano dos valores que dão sentido à vida. É esse referencial que importa descobrir. Não é só tarefa de alguns, daqueles que, por vocação ou acaso, se encontram envolvidos nas complexas articulações do mundo técnico. A técnica hoje é realidade que diz respeito a todos os homens. Ela informa toda uma civilização cuja fronteira se não circunscreve à venda das novidades musicais microgravadas em cloreto de polivinilo ou às maravilhas dos foguetes lunares. Na verdade, a civilização técnica vai até aí, até essa periferia em que os hábitos do homem se enraizam e novas aquisições têm, só por si, efeito publicitário. Mas as suas manifestações não são pontuais. Ela é hoje o grande campo sociológico em que o homem se movimenta. E, mesmo sem a ter escolhido, o homem é determinado pela distribuição e intensidade das suas linhas de força. Vale a pena por isso um esforço de reflexão consciente do homem de hoje sobre essa realidade técnica que o envolve e muitas vezes o determina.

o
prestígio
do
«fazer»

A primeira tentação deriva da própria natureza da técnica e da sua generalização a todos os sectores da vida do homem. Movimentando-se na esfera das coisas materiais ou dos frios esquemas lógicos que as explicam, a técnica perde facilmente contacto com os mais profundos valores humanos. Não vê o homem senão na periferia da sua acção. É que, na civilização actual, o trabalho não é ape-

nas disciplina, perfeição do homem — ele surge como tendo sentido em função da produção duma obra. Fácil é então que o homem, no esforço de disciplina e sujeição às leis da matéria que o trabalho lhe exige, tome como fim único da sua vida a realização da obra material.
E assim, para o homem dos nossos dias, o valor do humano está no trabalho feito, como se o «homo faber» esgotasse todas as possibilidades do ser ou mesmo o definisse completamente. A esta atitude que torna o «fazer» como único critério do humano, sucede-se imediatamente o embotamento do universo moral. Passam a contar unicamente os cri-

térios de eficácia na realização da obra.
a
opacidade
aos
valores espirituais

Preso ao deslumbramento das leis materiais que lhe dão a repouante certeza da sua imutabilidade, o homem do mundo técnico alarma-se e escandaliza-se com as amplas leis do mundo moral e com as mutáveis leis do mundo psicológico. No contacto com os indivíduos, perde a sensibilidade às delicadezas infinitas da alma humana e mede, com processos «standard», as reacções que julga poder controlar a seu contento. E, se grandes desorientações do comportamento espiritual dos homens se desenham à sua volta, o técnico julga-as com a mesma superioridade com que olha todas as realidades invisíveis. Refugia-se então no próprio trabalho que é seguro, certo e demonstrável.

Não é difícil, na euforia que o sucesso técnico provoca (aquela sensação palpável de ter resolvido a equação ou posto a funcionar a máquina), não é difícil trazer para a rua os mesmos métodos e querer aplicá-los a todas as realidades, mesmo às que não são quantificáveis. (Daí a civilização em que os homens se julgam e se classificam seriando-se mutuamente por motivos tão fundamentados como os dos prognósticos do «football»). Daí a civilização em que a cultura se vende em condensados e se mede em «best-sellers»).

O homem do mundo técnico transpõe para o domínio metafísico a mesma exigência da quantidade, do número, da demonstração. Emancipa-se do único referencial absoluto em que Deus se pode encontrar.

A sua contribuição para a sociedade vem também in-

formada do prestígio e do valor palpável que a obra material feita tem a seus próprios olhos. A utilidade social dos bens úteis aparece-lhe como a escusa mais completa para se alhear dos outros sectores da sociedade em que vive. A vida política, as correntes do pensamento, são para ele fantasias impalpáveis que não têm comparação possível com o concreto e válido domínio em que se movimenta. Julgando ser «útil», menospreza os grandes e fortes valores em que assenta a comunidade dos homens.

a
esquecimento
do
homem

Nesse deslumbramento pelos valores técnicos, o homem a quem a técnica se destina dilui-se cada vez mais. E de tal forma que acaba por deixar de ser o homem real que sofre na sua alma e na sua carne as violências do mundo técnico, para se tornar no homem abstracto. Vai tão longe essa deformação que muitas vezes se violentam as liberdades e os direitos essenciais dos homens que hoje vivem, sofrem e morrem, em nome do homem que está no termo da cadeia de produção ou do homem futuro que há-de beneficiar, segundo dizem, do sacrifício da geração presente. O extremo de tal atitude encontra-se, com toda a evidência do erro, na sociedade comunista, mas na nossa sociedade do chamado mundo livre é frequente defender, em nome do homem, as decisões que o sacrificam no momento actual.

o
materialismo
generalizado

No extremo limite das tentações do mundo técnico,

o predomínio das realidades visíveis e das leis do mundo material conduz à procura dos bens deste mundo, à aceitação da autonomia dos sentidos perante o espírito. Apagam-se os valores normativos do mundo moral.
Deslumbrado pelo sucesso que alcançou nas últimas décadas, o homem julga que a evolução da humanidade se há-de processar num ritmo de valorização constante unicamente à custa dos valores técnicos. Neles põe toda a esperança e a eles se entrega completamente. Como nota Corção, «o tecnicismo crê que é das técnicas parcelares que resultará o bem-viver e o epifenómeno da consciência errada». Então abre-se a porta ao mais refinado e terrível materialismo, susceptível de fazer caminhar a humanidade para a sua própria destruição.

Pio XII, na sua Mensagem de Natal de 1953, denunciou assim esta atitude: «... considerava-se como o mais alto valor humano e da vida, tirar o maior proveito das forças e dos elementos da natureza; colocam-se como fim, de preferência a todas as outras actividades humanas, os possíveis métodos técnicos de produção mecânica, vendo neles a perfeição da cultura e da felicidade terrena».

a
libertação
da
civilização
técnica

Será fatal a sujeição às tentações da civilização técnica? Não há valores espirituais que permitam fazer-lhes face? São esses valores que cabe a todos nós, habitantes desta «terra dos homens», apreciar, viver, irradiar. E isto no próprio terreno em que as tentações nos solicitam.

a
presença
de Deus
em todas
as coisas criadas

A obra não chega, como o quer a tendência tecnicista, para definir o homem. Mas ela tem as suas leis próprias, o seu mundo próprio. Ela é boa ou má, consoante estiver certa ou errada, perfeita ou imperfeita, obedecer ou não às leis que devem orientar a execução dos seres da sua espécie.

O homem da civilização técnica tem de inserir-se na lei de generosidade metafísica que define a actividade laboriosa. Nenhuma boa intenção, nenhum sentimento, por mais elevado que seja, justificam a fuga a essa lei fundamental. Pode pois dizer-se que seria errada toda a espiritualidade que procurasse esvaziar o mundo das suas leis naturais. É através delas, das leis que regem o comportamento da matéria, e a tornam susceptível de transformação, que o homem encontra uma Presença que demonstra a imutabilidade das leis, que se abre, pelas mãos do homem, numa fecundidade inesgotável de formas, relações, seres, que faz prever fenómenos e define certezas através de caminhos de probabilidade.

No conhecimento das leis intrínsecas da perfeição da obra técnica enquanto tal, há o mistério do Ser que se revela. E é no encontro com Ele que o homem pode dar sentido e finalidade ao seu poder criador. Foi-lhe dado o domínio das coisas criadas, mas como imagem e participação do Único Criador.

a
pessoa humana
como fim de todo
o progresso técnico

A purificação do mundo técnico tem de concretizar-se ainda mais.

Ao respeitar as leis próprias da matéria, a técnica tem de ter sempre em vista o homem, que é objecto e fim último da vida social e de todas as suas manifestações. É para a pessoa humana que toda a técnica, não só indirecta mas directamente, deve ser orientada. É esta uma ideia que exige ser vivida em todo o mundo técnico, tanto nas estruturas que o alicerçam como na mentalidade que define o seu quotidiano existir.

Aliás, o desenvolvimento da ciência das relações humanas dá um suporte natural extremamente sólido a toda a reforma que se deve fazer neste sentido. Quando se obrigam os chefes de empresa, os quadros administrativos e técnicos a estudarem as leis do comportamento humano, a situarem-se no lugar do «outro» para lhe poderem compreender as reacções e dar-lhe a resposta adequada, a fomentar nos seus colaboradores o desenvolvimento de todas as



a
restauração
da
comunidade

O sentido exacto da pessoa humana é o primeiro passo para que o mundo técnico se abra e se deixe infiltrar pelos valores espirituais. Outro vem completá-lo: é o sentido da comunidade. O homem está na terra para cumprir o seu destino de amor e serviço de Deus, mas não isoladamente. Ele é profundamente solidário com os outros homens, e de tal modo que Cristo não hesitou em selar essa misteriosa união com o Seu próprio Sangue.

Numa época em que tanto se acentua o valor do grupo e em que todos os organismos da estrutura técnica são formados à base da equipa, importa criar de novo relações entre os homens, que os tornem capazes de se sentirem irmãos. A comunidade é então uma presença viva de valores morais, um apelo constante a uma atitude de amor que encontra o homem muito para além da obra que ele consegue realizar — encontra-o nas suas aspirações e fracassos, misérias e sonhos.

É através dos valores humanos que a técnica pode integrar-se na cultura, assumindo-a no seu mundo sem qualquer complexo e, ao mesmo tempo, dando-lhe o contributo duma presença harmónica e não o espectáculo inquietante duma aberração do homem moderno.

É também fundamentalmente através dos valores humanos que a civilização técnica pode descobrir o grande plano da Redenção dos homens. O problema do homem, que a técnica equaciona, é sinal próximo da sua Redenção, no encontro e na compreensão que se fomentam, no entendimento, em cada instante renovado, de que Cristo morreu sobre a Cruz por cada homem, sem excepção.

Então a civilização técnica adquirirá uma nova fisionomia — será condição de florescimento da comunidade dos homens e elemento de formação do homem todo na sua relação vital com Cristo.

Então, na sua própria complexidade, o mundo técnico encontrará o germe da esperança que o ultrapasse e o torne instrumento da Redenção.

o
mistério
da
redenção

as
tentações
da
civilização
técnica

As tentações da civilização técnica resultam de extrapolações indevidas. Vejamos como.



1. Antes de mais nada, *factos*:
 a) No novo centro alemão de cálculo de Darmstadt vai ser instalada uma máquina de calcular capaz de realizar num segundo 42.666 operações aritméticas. Pode armazenar 24 milhões de números nas suas oito bandas magnéticas; na sua construção entram 7.500 tubos electrónicos, 30.000 díodos de germânio e 300.000 núcleos magnéticos. Esta máquina (a IBM 704) calcula os logaritmos de todos os números de 1 até 10.000 em 10 segundos; leva 7 segundos a armazená-los na memória.

Como se sabe, Napier precisou de trinta anos da sua vida para estabelecer a primeira tábuca de logaritmos. E a IBM 709 deixa a 704 a perder de vista.

b) A padaria sueca «Wasa Spisbrodfabrik» passa por uma das mais automatizadas do mundo. A

programa de automação acompanhado de treino de pessoal que permitiu fazer acompanhar a expansão do primeiro com uma absorção, para funções mais elevadas, não só do pessoal tornado supérfluo como de pessoal exterior.

3. A automação situa-se num ponto crítico do progresso técnico, em que uma conjugação de elementos de evolução diversa parece assegurar uma *aceleração extremamente rápida* desse progresso. Os exemplos anteriores permitem elucidar alguns destes elementos.

a) A máquina automática pertence à era pré-automatizada; o primeiro esboço de automação consistiu em tapar a lacuna que o circuito fabril apresentava entre máquinas diferentes, com as demoras no transporte da peça e a sua adaptação ao posto de trabalho. A automação começou portanto por ser

Isto dá-se tanto para o projecto de aviões como o de estruturas de edifícios como o de máquinas eléctricas.

E finalmente, às máquinas de calcular abre-se um quarto campo de aplicação, que, por seu turno, é a fase final da automação: a *acoplação da calculadora à máquina ferramenta* (ou ao dispositivo do ciclo químico).

Já não se trata nem do programa prévio, nem mesmo do auto-controlo: *este implica ainda que se fornecem valores com os quais se hão-de comparar os que forem surgindo no fabrico*; mas com a entrada em jogo da calculadora, já nem estes valores se fornecem. Apenas se impõem as condições limites do problema: dados, resultados finais. Pertence à calculadora fixar os resultados parciais que hão-de balisar o processo fabril na sua

INGMAR BERGMAN

(Continuação da pág. 3)

gem rica, plástica e dramaticamente apaixonante. Os seus actores são maravilhosos, a fotografia é luminosa, o jogo das imagens subtil e intenso. Cada filme de Bergman é uma obra acabada: termina um momento para outro começar.

Em suma, Bergman transmite a sua sede de verdade dentro da mais escrupulosa consciência profissional. Esta é uma lição que todos deveríamos meditar, pelos equívocos que origina a preferência por uma só das posições: a técnica ou a intelectual.

Conclusão. A expectativa gerada pela apresentação da obra de Ingmar Bergman em Portugal justifica-se plenamente. Ela interessa sobretudo ao público culto, nomeadamente aos universitários. Oxalá saibam estes compreender as lições, direc-

tas ou indirectas, que podem extrair-se dos seus filmes.

O público, que em Portugal se interessa pelas coisas da cultura cinematográfica, costuma desdenhar olímpicamente do esclarecimento total dos factores que contribuem para o conhecimento perfeito do fenómeno cinematográfico, concentrando apenas a sua atenção em meia dúzia de autores superadulados, em nebulosos textos de crítica e ensaio e ostentando um ar de suficiência que nada tem de cristão nem de verdadeiramente culto. A obra de Ingmar Bergman precisa de ser vista com humildade e fé, porque nela todos nos reconhecemos e todos somos irmãos. É necessário não transformar em snobismo a justa admiração por um dos maiores criadores de cinema do nosso tempo.

AUTOMAÇÃO

ensilagem contém dispositivos automáticos que, segundo um programa pré-estabelecido, realizam sem intervenção humana a carga, a análise, a mistura, a homogeneização, a lavagem e a moagem dos cereais. Por seu turno a dosagem e a mistura da pasta são controladas por um único operador a partir da sua banca de comando. As 17 cadeias automáticas (cada uma representa praticamente uma grande padaria) produzem 120 toneladas de pão por dia. A qualidade do produto obtido ganhou notavelmente em regularidade com este sistema automatizado.

c) Na indústria automóvel, todos conhecem o caso da Ford americana, com a famosa instalação onde os blocos de motor ao ritmo de 100 por hora sofrem cerca de 600 operações diferentes ao passarem pelos diferentes postos de trabalho de uma única máquina, dentro da qual realizam um percurso de mais de 100 metros. O ajuste dos blocos nos postos de trabalho, a substituição e o controlo das operações são inteiramente automáticos.

Semelhante é a cadeia da Renault, o exemplo mais ventilado da automação em França, que realiza nos carters dos motores, ao ritmo de 60 por hora, o equivalente ao trabalho de 240 postos de trabalho. E a Ford inglesa vangloria-se de, nas instalações de Dagenham, ter duplicado a capacidade de produção sem praticamente ter aumentado a área coberta, devido à introdução da automação.

d) A indústria petrolífera conhece hoje refinarias inteiramente automáticas (no Texas, por exemplo), em que a intervenção humana se limita aos trabalhos de manutenção quando da paragem anual. Um terço do consumo de óleos pesados da Inglaterra é refinado numa instalação que emprega apenas seis homens por turno fabril; pressões, temperaturas, débitos, composições, são automaticamente regulados e controlados.

2. E *factos humanos*, igualmente:
 a) A produção das fábricas automatizadas da Ford americana duplicou empregando apenas 10% do pessoal primitivo.

b) Uma grande companhia americana de seguros de vida, que adoptou a automação administrativa em 1952, substituiu o trabalho de 200 empregados de contabilidade por um conjunto de máquinas que calculam prémios, juros e pagamentos; a economia de salários permitiu amortizar a instalação, aliás caríssima, em quatro anos.

c) A entrada em serviço da automação administrativa nos serviços de câmbios da bolsa de Paris permitiu reduzir de oito mil para quatro mil o número de empregados, aumentando 25% o montante de informações obtidas.

d) Numa fábrica de vidro sueca a automação permitiu duplicar a produção de certas secções (como a trituração), reduzindo o número de operários nela ocupados na proporção de 35 para 1. Todavia, não houve despedimentos, porque o pessoal foi retrainado para outras funções no seio da empresa, correspondentes a salários mais altos.

e) A General Electric realizou um

a *extensão do processo automático ao transporte de peças entre máquinas diferentes*; a breve trecho gerou a máquina-integrada, gigantesca e auto-suficiente, realizando centenas de operações, entre principais e acessórias, sobre a peça a trabalhar.

b) O aperfeiçoamento das técnicas de controlo (físico e químico) e de tele-comando (electromagnético, electrónico, pneumático, hidráulico, mecânico) deu-se não só nas oficinas metal-mecânicas, com as máquinas-integradas, como nas instalações da indústria química, e permitiu eliminar parcialmente o homem, substituindo-o por um *programa de operações* a executar sucessivamente, de antemão escolhido. Esta fase, agora extremamente generalizada, é apenas uma fase intermédia da automação, porque o programa é uma sequência rígida de ordens prévias que não tomam em conta situações de facto do sistema.

c) A automação completa (fase adiantada) dá-se com a introdução da *retro-acção* (feed-back). Isto é, com a entrada em acção de servomecanismos ou conjuntos, de natureza electrónica, química ou outra, que permitem um *controlo da função actuante pela análise da função resultante*. Agora, em vez de uma ordem de um programa no estilo: «abrir a válvula de 25%», a ordem é proveniente da computação entre o valor do resultado da tal acção (determinado por um controlo adequado) e o valor teórico previamente escolhido; a válvula será mandada abrir mais ou menos que os 25% conforme convier para aproximar do valor escolhido o valor real do resultado.

4. Todavia mesmo a automação à base de dispositivos de controlo por retro-acção não é ainda a fase final da automação.

Na verdade, paralelamente com a automação das oficinas foi sendo realizada a automação dos escritórios, com o advento e a expansão das *máquinas de calcular*. O sucessivo aperfeiçoamento destas começou por dar um ímpeto extraordinário à investigação pura, permitindo a manipulação de problemas matemáticos só solúveis por processos iterativos cuja morosidade pelas vias tradicionais os obrigava a pôr de lado. Em breve a este filão fecundo se veio juntar um segundo campo de aplicação, o das funções administrativas (contabilísticas ou estatísticas), permitindo a rápida transformação dos escritórios pela redução drástica do pessoal. O que levou a dizer que as máquinas de calcular se poderiam medir em «girl-power» pelas empregadas que substituem (análogamente ao «horse-power» dos tempos de Watt).

As firmas de engenharia constituem o terceiro filão, pelo que toca aos gabinetes de projecto. A grande máquina de calcular moderna permite entrar nos cálculos com as dezenas de parâmetros que definem completamente os problemas, substituindo o método tradicional de «esquema simplificado + coeficiente de segurança» pelo de «esquema exacto, dimensionamento justo».

sequência de transformações, resultados parciais estes que são desconhecidos do operador. E é sobre as *informações da calculadora que os dispositivos de retro-acção irão corrigindo, regulando e comandando o mecanismo operatório*. O homem foi assim inteiramente eliminado do ciclo fabril. A máquina eliminara o *músculo*; a máquina automática a *habilidade*; a retro-acção por seu turno eliminou a *atenção*; a calculadora eliminou o *controlo intelectual*. Ao homem compete apenas colher os frutos da máquina autosuficiente.

5. Esta graduação sucessiva de formas de automação não é mera descrição histórica; estamos ainda no início do processo, e encontram-se hoje em dia exemplos de instalações automatizadas em todas estas fases da sua evolução.

Porque é preciso não esquecer que a automação não é mero fenómeno técnico, mas também económico e social; a diversa proporção de factores produtivos (capital financeiro, mão-de-obra, capital técnico, capital administrativo) dominante numa dada sociedade condiciona o grau de automação compatível com as possibilidades dessa sociedade.

E é por isso também que a *taxa de desenvolvimento da automação* poderá vir a ser muito diferente de país para país. As receitas de um só são aplicáveis noutra quando descreve um modelo económico análogo.

Falar por isso das incidências da automação na vida do futuro só tem sentido quando aplicado a uma determinada sociedade; porque essas incidências serão umas no Canadá e outras no Ceilão.

Uma tendência geral, todavia, parece certa naqueles países que têm condições económicas favoráveis para uma rápida expansão da automação («mão-de-obra cara e tendente a deslocar-se cada vez mais dos trabalhos manuais para o sector dos serviços ou dos trabalhos intelectuais, abundância de capital financeiro, técnico e administrativo, mercados vastos e em expansão); o desenvolvimento da automação multiplicará espantosamente o tempo livre do homem, provocando um tremendo dinamismo na expansão e transformação da cultura. Não serão apenas as orquestras sinfónicas que se multiplicam (facto já verificável na América), a produção teatral ou literária que se alarga sob a acção conjugada de mais público e mais autores; isto são os sintomas precursores. É a própria cultura que será poderosamente transformada pela entrada em cena

de milhões de espíritos ávidos de expressão e ricos de vitalidade, a quem a automação libertou da servidão das quarenta e tantas horas de trabalho manual.

6. O futuro, num mundo automatizada em larga escala, não se decidirá pelo construtor de máquinas; isso será uma banalidade generalizada. Decidir-se-á pelo construtor de máquinas que tiver a cultura *mais humana*, isto é, mais verdadeira; o que tiver permanecido mais homem, apesar de se servir da automação; o que estiver mais próximo daquilo que o seu destino e dignidade pedem; o que estiver em suma mais perto de Deus.

Esse é o significado definitivo, se assim se pode dizer, da automação: ao tornar o homem mais senhor da Natureza, pô-lo-á mais em frente da metafísica do seu destino. Dar-lhe-á em suma, aquilo que perdeu desde que deixou de ser um nómada pastoril: tempo para estar só e meditar no sentido das coisas e do mundo.

R. M.

O BAILE DO ANO

Teve recentemente lugar, num grande hotel português, um esplendoroso baile.

De tão notável acontecimento, que reuniu, no «maior entusiasmo» e em largo ambiente de «alegria», muitas centenas de pessoas, a abundante reportagem publicada pelas crónicas mundanas deu-nos a conhecer algumas características. A sumptuosidade das «toilettes», a ostentação nas jóias, a riqueza dos vestidos, os requintes do «menu», foram as notas dominantes, suficientes, sem dúvida, para colocar o dito baile dentro das manifestações de «grande luxo».

Felizmente, não tínhamos ainda estas «festas do século». E sendo Portugal um país pobre, MAIS GRAVE, para a nossa consciência cristã, nos parece o escândalo de acontecimentos deste género.

Em comentário, julgamos que vale a pena lembrarmos de novo, a uma sociedade que se apelida de cristã, as palavras de Cristo:

«Bem aventurados os pobres em espírito, porque deles é o reino do céu; bem aventurados os humildes, porque possuirão a terra, bem aventurados os tristes, porque serão consolados» (Mateus, 5, 3-6).



ponto de vista



O progresso é realmente uma coisa admirável. Acima de tudo, o progresso é uma coisa grandemente apetecível. Em algumas noites de luar desejar-me-ia vestido de gibão, camisa de muitos folhos e calção curto, «cavalgando mui fermoso ginete branco», em busca de aventura «por minha dama». Mas quando me doem os dentes tenho de preferir o autocarro ou o taxi.

Cosa mais admirável ainda é sem dúvida a arte. Eu

o progresso não se tinha notado, concluía.

Portanto, o assunto dos modelos é um problema nacional. Tal como a percentagem de analfabetos ou a participação de Seminário na equipa do Sporting. Talvez que só este último seja mais importante. Que, afinal, o analfabetismo ou a fome são talvez problemas que têm menos que ver com o progresso.

Mas falemos do assunto. Fundamentalmente, existem

MILAGRES DO progresso

sou um tipo mediocrementemente instruído numa e noutra admirável coisa, mas sou apreciador. Sincero e devotado apreciador.

Afinal, considero-me muito século XX. Afora algumas noites de luar e uns tantos precalços da adolescência, considero-me mesmo integralmente século XX. Portanto, muito do progresso e, por natureza, muito da arte.

Mas tenho as minhas dificuldades. Batalho os meus problemas. E isto vem a propósito de alguns, recentemente levantados.

Anunciaram os periódicos haver em breve um concurso de fotografia de nus artísticos. Eu de fotografia também não percebo muito. Limito-me aos velhos grupos dominicais e a um ou outro prurido de paisagem bonita. Contudo, não tenho nada contra os nus artísticos. Longe de mim... Agora, o que tenho é alguma coisa contra certas opiniões.

Dizia um dos periódicos acima referidos: os dois grandes problemas do nu artístico em Portugal são a dificuldade de modelos plásticamente perfeitos e o pequeno número de modelos. E lamentava-se por isto e por aquilo.

Muito naturalmente, o problema da perfeição plástica dos modelos resume-se na existência de pequeno número destes. É claro. Caso contrário, seria de enviar uma reclamação ao Criador pela má qualidade dos produtos apresentados, todos de refugio, com baixa nitida do standard usual. Talvez melhor até — se nos lembrarmos que o progresso e a arte dependem mais do interior que do exterior —, talvez melhor seria endereçar a reclamação à secção de embalagem que estaria desmerecendo o crédito conseguido.

Mas foi reconhecido que o problema residia essencialmente na falta de modelos. E afirmava quem sabia que, em Portugal, há poucos modelos. Afirmava também quem sabia que, em Portugal era difícil convencer possíveis bons modelos a dar, não um ar, mas a totalidade da sua graça, ao progresso fotográfico. E dizia que na Inglaterra não era assim. Exemplificava. Em França parece que também não era assim. Porque em Portugal, na questão de modelos, também

dois grandes tipos de modelos: os profissionais e os amadores.

Os profissionais, como é evidente, são aqueles modelos por profissão. A profissão é dura. Além de ser muito atreita a resfriados, como não está socializada (mesmo na Inglaterra) e como os ordenados diminuem com a idade, nem há reforma, materialmente desperta pouco interesse.

Mas isto são os profissionais. É claro que pode existir o amor à arte, heróico perante as gripes e tudo o mais. São os amadores.

Tal como há quem goste de cintos verdes ou de casacos de peles, também pode haver quem aprecie fotografar-se em pêlo. Em Portugal há poucas apreciadoras; mas no estrangeiro, acentuemos, parece que existem muitas.

Poderá dizer-se que a justificação das portuguesas seja o pudor. Mas o pudor, pelos vistos, é contra o progresso. Não que eu suponha nos fotógrafos de hoje qualquer pensamento menos artístico. As mulheres portuguesas, contudo, insistem em não acreditar nas actividades milagrosas do progresso. Até porque notam poucas mudanças nos homens. Noutros países acreditam. Realmente, outros países há, mais progressivos. Inclusive em prostituição.

Repito que não tenho nada contra os nus artísticos, nem sequer contra os modelos. E gosto do progresso e da arte.

O que acontece é que prefiro menos arte se for esse o preço de menos necessidades. Numa maioria de casos os modelos ou necessitam de comida ou de juízo. Seria bom sinal não haver modelos entre nós.

M. V.

LIVRARIA SAMPEDRO

Praça dos Restauradores, 65, 1.º

Telef. 30876

LISBOA

Especializada no fornecimento de livros e revistas de qualquer procedência

Editora dos livros:

A ARTE DE SER CHEFE, de G. Courtols

ESCOLA DE CHEFES, de G. Courtols

DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA, de Mgr. Guerry

... a sair brevemente

QUEM somos nós?

«Eu não sou religiosa, quer dizer, não sou freira; mas tenho religião naturalmente. Sou católica apostólica romana. Creio em Deus. Quanto à existência do céu e do inferno, não estou muito certa; mas creio em Deus».

(Entrevista concedida por B.B. ao Corriere della Seca)

B.B. não é freira. Confesso nunca ter tido dúvidas a esse respeito. Aliás, parece-me que ninguém as tem. Mas acontece que nem os seus mais dilectos admiradores suspeitavam que houvesse alguma coisa naquela cabeça tão pequena.

B.B. não é freira, mas

Deus. E muito mais importante ainda é que Deus também acredita nela.

E espera. Espera até que ela venha a elucidar as suas dúvidas sobre o céu e o inferno. Espera, mesmo que ela desespere.

Li há tempos numa revista da «especialidade» que B.B. está seriamente ameaçada de borbulhas. Sim, senhor, borbulhas. Incríveis e procaicas borbulhas.

Os seus admiradores lastimarão sinceramente. Mas também muito sinceramente a esquecerão. Que há um tipo de admiração que não aceita borbulhas.

Muito humildemente, eu

que também sofro, às vezes, de borbulhas, rezo por que ela então se lembre de que Deus não tem preconceitos contra as borbulhas.

Quando o que B.B. julga céu se transformar no que ela julgará inferno, não digo que ela se torne freira, mas, já que é católica apostólica romana, que se torne religiosa.

Tenho esperanças.

«Perdoai-lhes Senhor que eles não sabem o que fazem».

Quem sou eu para não esperar também?

M. V.

ENCONTROS

E DESENCONTROS

pensa. Uma freira, segundo a própria B.B. dá a entender, é uma pessoa que além de religião, naturalmente, é religiosa. E isto porque outras pessoas há que têm religião — tal como se tem um ursozinho desbotado do tempo da meninice e não são religiosas.

A religião é uma coisa que se pode guardar atrás da porta da consciência, como uma vassoura útil para varrer medos da última hora, mas que também se pode colocar numa jarra, bem no centro da alma, como causa de alegria.

Depois, B.B. crê em Deus. E até é católica. Mais, apostólica romana. A questão é que a exuberante ex-madame Vadim, actual madame Charrier, é apostólica dum modo, pouco católico romano. E, já agora, também se poderia dizer que é católica dum maneira pouco apostólica romana. E por aí adiante.

Contudo, e apesar de tudo, alegremo-nos: o símbolo dimensionalmente tão perfeito da nossa época acredita em

Todos se lembram daquela deliciosa e, a seu modo, comovente página de Proust em que afirma que a coisa mais abundante e espalhada no mundo não é o bom senso, como certo provérbio falso assegura, mas a bondade. E compara a surpresa que nos causa vir a encontrar, nas circunstâncias mais inesperadas e nos lugares mais remotos, um gesto ou uma atitude que revela a bondade íntima dos homens acordado não se esperar naquele ambiente do qual a supúnhamos alheia tal como actua no ambiente familiar onde nos habituamos a considerá-la normal privilégio — compara esta surpresa à que causa encontrar num vale inóspito e deserto uma papoula, tão vermelha e autêntica na sua solidão como as papoulas que povoam os campos conhecidos e tão surpreendentemente igual a elas sem nunca as ter visto, e «sem ter nunca conhecido senão o vento que faz tremer por vezes o seu vermelho capucho solitário».

Sem cinismo nenhum, diríamos por nós, todavia, que um outro atributo humano, não já virtude mas quase que ainda não defeito, é não menos extremamente universal

próprios o que é incidente no futuro banal aos olhos alheios; mas nunca o homem sente desesperadamente — se não tem educação suficiente para se calar e fé que chegue para o transcender e sublinhar — o desejo de ver os outros debruçarem-se sobre si, terem pena de si.

Um outro aspecto deste mesmo desejo encontra-se nas apreciações mais ou menos públicas que as pessoas fazem da sua vida passada. Sempre me impressionou o tom seguro e calmo com que, ainda novito, pessoa de idade fazendo-me a sua autobiografia a resumia nestes termos. «Tenho a minha consciência tranquila. Se tivesse de voltar atrás, não deixaria de proceder como procedi». Eu, por mim, já não dizia isso; porque as asneiras ou os erros feitos pesavam-me, mais que na consciência, no senso de dignidade pessoal; eram graves, senão como pecados, pelo menos como fonte de ridículo; coisas cuja memória me deixava intimidado e pouco à vontade como «gaffes» cuja recordação enleia e tolhe; e se me fosse dada oportunidade de voltar atrás, é claro que as teria

complacência

e vem a encontrar-se onde menos se espera, até junto de nós onde o julgaríamos eliminado por séculos de tradições cavalheirescas de honra pessoal e de dignidade própria. É o que chamaríamos a auto-complacência ou a auto-compaixão; aquele sentimento espontâneo no selvagem e no homem inculto que o faz considerar-se centro do Mundo e referir a si todos os sucessos que narra. Pergunte-se a um primitivo a descrição dum acidente a que assistiu: repare-se como, insensivelmente, à medida que a história avança e o narrador ganha entusiasmo, a sua participação no caso se torna maior e mais decisiva, até que acabará por ocupar o primeiro plano, o plano heróico, quando muito compartilhado pelos autênticos comparsas da cena testemunhada.

Este desejo de chamar as atenções sobre si mesmo, que os educadores sabem ser difícil mas forçoso extirpar, vem a encontrar-se frequentemente sob o aspecto de auto-compaixão. Quem não ouviu nunca a exposição carinhosa e comovida dum doente relatando os seus achaques? Parece que se perde o senso do equilíbrio, e se avoluma aos olhos

evitado e procedido de maneira diferente: Será isto uma hiper-sensibilidade de adolescente? Não sei; sei só que felizmente a não perdi; e ao olhar para trás, ao pensar em tantas omissões, em tantos desperdiçares, em tantas falhas, em tantas preguiças, não posso em rigor dizer que sinto a consciência tranquila. Tranquila, como, quando se comparam as tremendas potencialidades que Deus deposita em nós e na «nossa circunstância» com aquilo que, coxeando e aos tombos, conseguimos ser e fazer.

Parece, todavia, que há pessoas que, proclamando a sua plena satisfação consigo próprias, tecem, com o seu auto-elogio, um panejar de defesa atrás do qual se abrigam da dúvida e do sentimento íntimo de decepção; biombo falaz que, com ser amplamente elaborado, retocado e iluminado, põe entre elas e si próprias o conforto precário da ilusão.

Que lhes sirva; ao cristão, causa um certo pasmo — e passa à frente.

T. do A.

ENCONTRO com a VIDA DA IGREJA

figuras da Igreja

• GIORGIO LA PIRA •

«Vim para rezar junto dos grandes santos da Rússia, no dia da Assunção, a grande festa de Nossa Senhora para o oriente e para o ocidente. Sou um crente. E estou convencido de que a oração é uma força histórica que conduz à paz».

Com estas palavras, proferidas ao ser entrevistado pela Rádio Soviética, quando da sua visita à Rússia no passado mês de Agosto, Giorgio La Pira resumia a razão da sua extraordinária viagem. Pela primeira vez na União Soviética, um hóspede do Soviète Supremo expunha dum modo claro e extremamente compreensivo teses de que o povo e os dirigentes russos nunca tinham ouvido falar.

Giorgio La Pira, antigo presidente da Câmara Municipal de Florença, conhecido opositor do fascismo no período que antecedeu a segunda grande guerra, homem político em toda a extensão do termo, é, como ele próprio afirma, um crente. Toda a sua vida tem sido uma demonstração inequívoca desse facto. Cristão que lê diariamente o breviário, dirigente que de 1951 a 1956 dava no Palácio Vecchio, aos pobres de Florença a resposta às suas angústias, acérrimo defensor da paz e da liberdade, este crente estonteia o mundo com a sua fé.

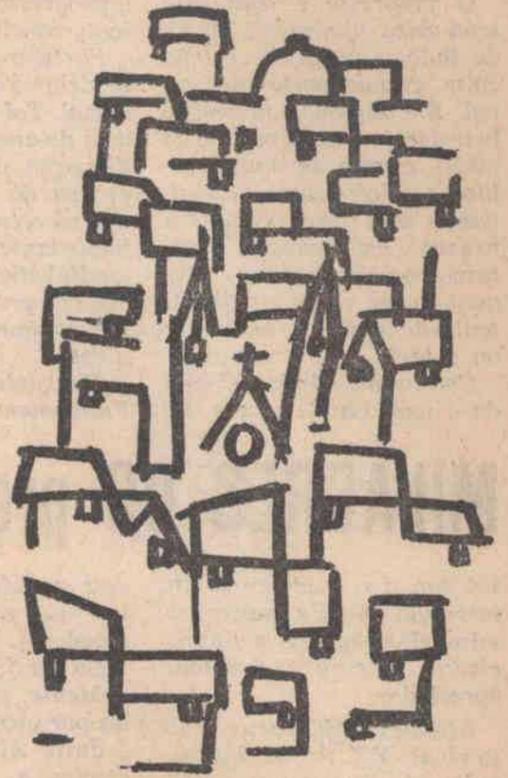
Aonde quer que vá, a força da sua fé faz render todos os argumentos. A 17 de Agosto, quando recebido oficialmente no Kremlin, expôs admiravelmente os meios que se exigem para alcançar a paz no mundo e estabelecer uma nova era de prosperidade para todos. «O nosso programa construtivo — afirmou La Pira — deve ser este: dar aos povos a paz, construir casas, fecundar os campos, abrir fábricas, escolas, hospitais, fazer florescer as artes e abrir por toda a parte igrejas e catedrais, porque a paz deve ser estabelecida em todos os planos da realidade humana. Assim trabalharemos pelo mais alto ideal histórico que é simultaneamente humano e cristão».

Este homem de convicções anti-comunistas, que não crê na luta de classes como meio de promoção social, letariado, foi considerado «um leal defensor da causa dos humildes e da amizade entre os povos» pela imprensa soviética e com esta viagem não fez mais do que continuar o rumo que traçou para a sua vida. Na Rússia foi rezar junto do altar de São Sérgio, exactamente como veio a Fátima (onde N. Senhora profetizou a conversão dos russos) pedir pela paz e unidade da Igreja, pela paz das Nações, ou, para usar as suas palavras,

O Natal não deve julgar-se uma celebração de carácter histórico, mas um facto de hoje, que diz respeito à vida de cada um de nós. A religião cristã não é, como se crê, um esforço laborioso para reconstituir um passado morto, nem o ciclo litúrgico um simples repositório de lembranças. No seu sentido mais verdadeiro e mais profundo, o Natal vai sempre recomeçar. Porque a história de Jesus Cristo não é somente uma série de factos e de episódios que passaram, mas um mistério de salvação que continua.

Falando algumas centenas de anos depois dos acontecimentos de Belém, o Papa S. Leão declarava aos fiéis de Roma: «Não é por este dia se encontrar recuado no tempo que o efeito do mistério acabou, como se não nos tivesse chegado mais do que a notícia de um acontecimento a receber pela fé, a celebrar pela memória. O dom de Deus prolonga-se; e eis porque na nossa época, hoje mesmo, nós experimentamos estas maravilhas que foram outrora inauguradas».

nota
litúrgica



«O INDEX»: acusação e defesa

1. Nação e História. Chama-se «Index» à lista ou catálogo dos livros que a Santa Sé considera em absoluto errados e atentatórios dos princípios cristãos, ou que, por razões de conveniência para os fiéis, considera, em dada época histórica, inoportunos ou perigosos para a mentalidade comum. Assim, o «Index» não é, sempre, uma condenação da verdade intrínseca do livro: pode ser apenas um juízo de oportunidade. Esta é a razão por que algumas obras foram incluídas no «Index» e, anos depois, daí retiradas. Não significa este facto, de modo algum, «evolução» da Verdade que a Igreja contém. E apenas uma consequência da mudança das situações histórico-culturais concretas. Cada época tem a sua linguagem; o que ontem era aliciante por ser expresso numa linguagem actual, pode amanhã já não o ser, devido à menor facilidade de comunicação da linguagem empregada.

Já Inocêncio VIII, em 1487, e depois Alexandre VI, em 1507, obrigavam os impressores de algumas províncias da Germânia a submeter os livros a imprimir a uma censura prévia e ordenavam aos Bispos daquelas províncias que apreendessem os livros proibidos, os queimasssem, e interditassem a sua leitura e posse. O concílio Lateranense V, sob o papado de Leão X, em 1513, estendia a toda a Igreja uma lei semelhante. Compilaram-se em diversas cidades, por ordem dos Bispos, catálogos de livros cuja leitura e posse eram proibidas. Em 1542, pouco depois da invenção e da grande difusão da imprensa, Paulo III nomeou uma comissão para examinar a lista dos livros que podiam ser nocivos ao povo cristão. Num livro que se publicou em 1557, por ordem de Paulo III, apareceram determinados ou indicados os livros que continham erros morais ou dogmáticos: tal livro levou o nome de «Index».

2. Acusação e defesa. O «Index», aliás muitas vezes ignorado na sua autêntica fisionomia, é das instituições mais criticadas, não só pelos não-membros da Igreja, como até por alguns que se dizem católicos.

O «Index» é contrário à liberdade de pensamento.

Todos os direitos são concedidos para serem utilizados segundo um fim transcendente. Nenhuma criatura (e um direito é uma criatura) tem em si a seu fim. Assim, também, a liberdade pela liberdade é um erro. Diante da verdade, da justiça, da moralidade, a liberdade não se exerce arbitrariamente. O abuso da liberdade é tão grave como a sua falta. Ninguém tem o direito de fazer mal nem a si nem aos outros, por obras ou por palavras.

O pensamento, por que é interno, é inatacável.

Que o pensamento, enquanto permanece pensamento, seja inatacável por uma autoridade humana, é certo: só a consciência e Deus o podem julgar. Mas quando o pensamento se manifesta, se objectiva, deve responder pela sua verdade perante a legítima autoridade.

Proibir livros é pôr obstáculos ao progresso.

Não: é simplesmente pôr obstáculos ao erro, ao mal. O progresso não consiste no erro mas no conhecimento da verdade. A verdadeira ciência é apenas o desocultamento da Realidade, a descoberta das leis do Ser.

Aliás, a proibição que o «Index» representa, não é, em absoluto, irremovível. A Igreja concede dispensas desde que o facto se justifique pela idoneidade do requerente e pela necessidade de ler as obras proibidas.

A proibição de livros é contraproducente: o seu efeito é provocar a curiosidade pelas obras proibidas e a sua maior leitura e difusão.

Mesmo que assim seja, que sobre certos espíritos tenha esse efeito contrário, não importa. A autoridade cumpre o seu dever reprovando o mal e pondo obstáculo à sua difusão.

Nenhuma razão da ordem dos factos legítima que alguém se excuse de cumprir um dever.

O «Index» só é «pedra de escândalo» e «sobrevivência de obscurantismo» para quem não aceita a natureza sobrenatural da Igreja e a sua missão salvífica. O cristão sabe que a Verdade não depende do seu arbítrio. É-lhe transcendente, e por isso susceptível de ser definida e defendida pelos Pastores a quem o Senhor prometeu a assistência do Espírito de Verdade.

Para quem for causa de servidão e de rebaixamento o obedecer a Deus pela voz dos seus chefes, o «Index» é absurdo. Para quem esse facto representa causa de humildade e de crescimento, o «Index» é uma instituição natural e digna do respeito que merecem os meios de que a Igreja se serve para levar os homens à rectidão e à autenticidade.

factos ★ números ★ documentos

Durante séculos Europa era sinónimo de civilização e de cultura. Actualmente, e por todo o mundo, outras civilizações se desenvolvem, outras culturas tomam consciência dos seus próprios valores. A Europa precisa assim de rever a sua atitude, de encontrar o seu lugar apropriado na assembleia universal. Procurando esclarecer quais as coordenadas de uma localização adequada diz-se nas conclusões do Encontro Europeu da Pax Romana — Movimento Internacional dos Estudantes Católicos —, que se realizou em Genebra, em Agosto passado: «É necessário precisar que a Europa pode continuar a desempenhar o seu papel no concerto dos povos, se as técnicas europeias espalhadas hoje nos países subdesenvolvidos transportarem também valores autênticos que permitam a concórdia, a liberdade e a paz. Por isso, importa que a cultura europeia continue a impregnar-se de razões de justiça e de fé cristã, para que a sua presença não seja irremediavelmente posta em perigo pelo instinto de domínio e pelo poder devorador das forças materiais».

Problema essencial para o cristão é o da realização do conselho evangélico de «estar no mundo sem ser

do mundo», que tem sido e será questão sempre em aberto entre o mundo e a Igreja.

Especial acuidade tem revestido ao longo da história nas relações do Cristianismo com as diversas civilizações. Ligada a evangelização durante muitos anos à expansão europeia, com ela se confundiu quase totalmente. Na sua recente encíclica «Præcepta Pastorum», de 28 de Novembro, S. S. João XXIII vem de novo distinguir as realidades em causa, não só repetindo as advertências de S. S. Bento XV para que os missionários resistam à tentação de «pensar mais na sua pátria terrestre que na sua pátria celeste», mas acrescentando que «o mesmo perigo pode surgir de novo, sob uma forma do nacionalismo» entre os membros do clero indígena dos países que se tornaram recentemente independentes. Lembra ainda o Papa que «nenhuma Igreja local pode exprimir a sua união vital com a Igreja Universal, se o seu clero e povo se deixam influenciar por um espírito particularista, por sentimentos de hostilidade para com outros povos, por um nacionalismo mal compreendido que destruiria a caridade universal».

O que, entretanto, se deve conciliar com o cumprimento das respon-

sabilidades dos católicos enquanto membros do seu país, como Sua Santidade lembra: «Para seu benefício individual e para benefício público da Igreja, os católicos não podem desconhecer esses problemas (os ligados à rápida evolução dos referidos países) nem aguardar que sejam solucionados de modo prejudicial, o que, no futuro, requereria um esforço maior para se reverem».

Na mesma encíclica o Papa João XXIII incita os missionários a formar os sacerdotes indígenas tomando na devida consideração as condições das diversas regiões e insistindo nos hábitos locais, para se não tornarem estranhos ao seu próprio povo e para estarem «em posição de assumirem, logo que for praticável, o governo das novas igrejas». Refere ainda que o primeiro Bispo asiático foi sagrado em 1923 e o primeiro vigário africano em 1939 e que presentemente há 168 Bispos asiáticos e 25 africanos; o clero nativo subiu de 919 em 1918 para 5.533 em 1957, na Ásia, e de 90 para 1.811 na África.

Na mesma data foi publicado um comunicado, dizendo que o Santo Padre elevou oito Vicariatos Apostólicos do Congo Belga e do Ruanda Urundi a Arcebispados.

o cristão perante a técnica

(Continuação da pág. 1)

cance de todos», etc., etc. —, e eles são também — segundo creio — os incansáveis paladinos dessa engenhosa terapêutica divorcista que sara as irreduzíveis incompatibilidades com outras do mesmo teor). Num universo assim, ficam ao alcance das manipulações dos psicótecnicos todos os delicados e insondáveis mistérios da vocação, devassam-se os mais recônditos refuls da personalidade e com o límpido x+y da psicanálise se resolvem os mais imponderáveis gestos dos homens. Sob a mesma bandeira, a responsabilidade moral vê-se irradiada pelo mecanismo causal dos condicionalismos sociais e biológicos, e alastram o amor sem filhos, pelo «birth control», e os filhos sem amor, pela inseminação artificial (lembrem-se da sugestiva fábula de Papini sobre o pai de cem filhos?). Com a reificação do trabalho e todos os custos humanos implicados pela obsessão da produtividade desumaniza-se a vida económica, enquanto que a ideia de serviço se degrada ao ritmo da funcionarização crescente arrastada pelo cancro burocrático. O saudável mundo do desporto toma veste de empresa lucrativa, ao passo que a política, esvaziada da intrínseca moralidade do bem comum ou da «morri-nha da prudência» — como diz Corção —, e vítima da mística da eficiência, envereda, nas mãos dos engenheiros de almas (não falou Staline do material humano, o mais precioso de todos os materiais?), pela via sinuosa dos maquiavelismos e totalitarismos. Concebidas ainda pelo mesmo ubérrimo seio tecnicista, como seu último requinte, as técnicas de aviltamento do universo concentracionário e as infernais técnicas da guerra, que, não só privaram os desumanos conflitos bélicos do seu último resíduo de humanidade, mas pela primeira vez na história tornaram possível — como gravemente regista o filósofo de *Le Déclin de la Sagesse* — o suicídio em escala planetária.

E não será ainda uma mentalidade de fundo tecnicista que, contaminando o cristão, chega a invadir a própria órbita religiosa e o leva a cultivar um cristianismo mera *praxis*, um cristianismo *americanizado* em que sobreleva um activismo norteado por um critério de eficácia estatisticamente aferida?

Mas estes são, apanhados ao sabor da inspiração momentânea, apenas alguns dos aspectos de um complexo quadro de todos sobejamente conhecido. O processo da tecnocracia está feito e não se torna necessário recordar aqui a abundante literatura que sobre o tema incide.

Mais importa, à laia de conclusão, fixar alguns breves princípios susceptíveis de inspirar, a este propósito, o cristão. Insistiremos que é absurdo e improcedente descarregar sobre as técnicas todas as aversões e rancores e tentar, contra a maré, um regresso ao «estado de natureza». Tomando, reconhecido, em suas mãos os preciosos instrumentos com que o Pai generosamente o valorizou e integrando-se na marcha do progresso, deverá antes o cristão dirigir o seu esforço no sentido de contrariar as aberrações peculiares do tecnicismo. Este não é uma fatalidade, mas é, em todo o caso, um grave risco, um risco cada vez mais grave contra o qual devemos estar prevenidos. Não se trata, em suma, de fazer sustar ou refluir a impetuosa e irresistível corrente da técnica, mas de a canalizar.

É bem ampla é a perspectiva que nessa direcção se nos abre: todo um profundo esforço de carácter religioso e cultural em ordem a avivar em nós essa esbatida dimensão *contemplativa* capaz de servir, por assim dizer, de contrapeso à euforia técnica, e com vista, enfim, a restaurar o primado do espiritual.

Já se falou das técnicas enlouquecidas. Mas busque-se se, em vez delas, não foi o homem que enlouqueceu e em seu desvario aportou ao universo irrespirável onde se apagaram as fronteiras da técnica.

(Continuação da pág. 5)

outros os seus conhecimentos, as suas convicções e emoções.

Um «leader» requer qualidades muitas vezes difíceis de obter, como é a habilidade de conduzir homens, que exige tacto, bom senso, e paciência extrema. É compreensível que se a pessoa não dispõe já dessas qualidades, dificilmente as encontrará depois, quando já estiver lançado em plena actividade no comando e orientação da equipa. É essencial que, nessa altura e por todas as formas, se consiga que o «leader» não aniquile, nem mesmo

diminua, a personalidade dos outros. Mesmo que sinta em consciência que sabe mais do que os outros, que o seu passado foi forte em experiências e trabalho, mesmo assim deve mostrar a máxima humildade nas suas atitudes, procurando persuadir e não dominar os membros da equipa. Quando se inicia um trabalho e já existe uma equipa, o papel do guia consistirá principalmente em levar os seus homens à produção científica cada vez mais intensa e perseverante. O guia não é só o iniciador, é um impulsionador e activador de energias. A influência do guia exerce-se sobre toda a equipa, podendo chegar a revolucionar ideias e métodos no trabalho. Se há a sorte de ele possuir vigoroso poder criador, inteligência vitalizadora e original, manter-se-á a equipa com vontade permanente de

PADRE GEMELLI

(Continuação da pág. 4)

foi recrutado, primeiro como médico e, depois, como capelão. Fundou o primeiro hospital psiquiátrico de guerra, depois o Laboratório de psico-fisiologia para a selecção de aviadores e chega ao fim da guerra com o grau de coronel. No ano imediato após a guerra, pôde realmente começar a realização do seu sonho, que a partir de 1919 possui um «Comité» promotor. Apesar de muitas dificuldades, o Papa encoraja-o e o cardeal Ferrari, de Milão, está a seu lado. A Universidade é inaugurada a 7 de Dezembro de 1921. O reconhecimento jurídico do Estado italiano foi feito a 2 de Outubro de 1924 com todos os direitos e privilégios das universidades oficiais.

Reitor magnífico da sua Universidade e titular da cátedra de psicologia experimental, Padre Gemelli seria, juntamente, o grande pedagogo do renascimento espiritualista italiano deste século. Da sua Universidade, que cresceu em ritmo possante, saíram os mais ilustres membros do pensamento católico e as grandes figuras de escola da sociedade católica italiana actual. Médico, filósofo, cientista, mas sobretudo mestre da juventude, que colheu do seu ensino e do seu exemplo luz e esperança, «Agostinho Gemelli, escreveu um seu biógrafo, foi um guia da cultura contemporânea. As altíssimas virtudes e o amor paternal pelos estudantes, pelos quais foi provido em generosas iniciativas, ergueram-no à estima geral, como símbolo duma

civilização operosa e fraterna. A sua obra de cientista, a que tanto deve o progresso recente dos estudos, assegurou-lhe um lugar definitivo na história do nosso novo humanismo. A escola italiana, comovida, inclina-se reverente».

Devem-lhe ainda as fundações seguintes: Instituto Superior de Magistério de Maria Imaculada; Instituto Apostólico do Sagrado Coração (1926); Colégios universitários (1933); uma Faculdade de Agricultura em Placência (1949); um Centro de Cultura Maria Imaculada (1954); uma Faculdade de Matemáticas (1955).

Os seus escritos, espalhados por revistas científicas, são incontáveis. Assinalamos apenas as principais obras saídas em tomo: *La psicologia del pilota di velivolo*; *La tua vita sessuale*; *La psicologia applicata all'industria*; *L'Operaio nell'industria moderna*; *Il Francescanesimo (traduzido em diversas línguas, inclusive em português)*; *S. Francesco d'Assisi e la sua gente poverella*; *L'anima dell'insegnamento*; *La psicologia dell'età evolutiva*; *La fecondazione artificiale, etc.*

Padre Gemelli fica a nossos olhos como um grande mestre, um grande crente e como um extraordinário e decidido combatente pelas ideias e batalhas da cultura católica. Com Don Giovanni Rossi, director do Centro Pro Civitate Christiana, podemos dizer que «Padre Gemelli não morrerá nunca!».

prosseguir a marcha da obra que se iniciou. Nestas circunstâncias não será difícil que o guia se identifique perfeitamente com a mentalidade da equipa e que então as ideias e as vontades realizadoras não sejam só as que suscitou o «leader» mas sim as de toda a equipa. A organização, para um «leader» deste tipo, consistirá em colocar os seus colaboradores da equipa nos lugares mais convenientes, para eles e para os seus hábitos e sistemas de trabalho, e também para criar à sua volta o ambiente desejado. O verdadeiro «leader» mantém permanente vigilância so-

sobretudo de unir ou associar os espíritos desses elementos.

Certamente não será preciso aludir, neste problema, ao valor das equipas na investigação científica, à importância do factor espiritual. A atitude dos que pertencem a uma equipa, seja o seu chefe ou sejam os subordinados, em qualquer escala, é de importância vital para a estrutura e duração da equipa. O princípio cristão de que se devem levar os fardos duns e doutros deve existir na base da constituição da equipa. O valor do grupo mostra-se com todo o brilhantismo se aqueles que o constituem vivem os princí-

O TRABALHO DE EQUIPA

pios cristãos da humildade, que deve ir associada à coragem, à habilidade e à resistência a toda a prova. A equipa é para homens sem orgulho e que já tenham demonstrado, ao longo das suas vidas, o poder de colaborar sem arrogância, sem a pretensão de beneficiarem de privilégios, em consequência do prestígio que pertence ao grupo ou equipa.

Em conclusão, nas palavras que escrevemos procuramos referir primeiro que na época actual, no mundo da investigação científica, a equipa é factor primordial do sucesso. Depois quisemos acrescentar que a constituição das equipas, para ser eficaz, necessita que os seus constituintes estejam compenetrados do melhor espírito, que é afinal o sentimento cristão da colaboração, cheia de compreensão, de tolerância e de generosidade.

t. s. eliot

(Continuação da pág. 2)

dado voltar a assistir ao desenrolar calmo das estações, e chegam a pôr em dúvida a capacidade que terão de voltar a enfrentar as coisas mais vulgares do dia-a-dia: «Can I look again at the day and its common things?»⁽¹⁾.

Não é ainda, no entanto, esta perspectiva quase cósmica o que dá à decisão toda a sua amplitude. Falta-lhe uma dimensão sem a qual ela permanece incompleta: a dimensão escatológica, que só Thomas apreende. Porque cristão, Thomas conhece um mistério que os outros não entendem. Sabe que este momento é grande, talvez o maior da vida do homem, mas que isso não obsta a que, em si só, seja limitado, incompleto, como todas as coisas humanas. Sabe que a sua maior grandeza vem precisamente, não das suas implicações concretas, mas do seu significado como figura, símbolo dum outro momento que só chega com a morte e em que o homem conhece finalmente, em plenitude, os desígnios de Deus a seu respeito:

«... This is one moment,
But know that another
Shall pierce you with a sudden
painful joy
When the figure of God's
purpose is made complete»⁽²⁾.

- (1) «Murder in the Cathedral».
- (2) «The Family Reunions».
- (3) «The Cocktail Party».
- (4) «The Confidential Clerk».
- (5) «The Eldon Statesman».
- (6) «The Family Reunions», pg. 115.
- (7) «Murder in the Cathedral», pg. 77.
- (8) «The Cocktail Party», pg. 63.
- (9) *Ibidem*, pg. 76.
- (10) *Ibidem*, pg. 69.

ENCONTRO

N.º 24 — Dezembro de 1959

DIRECTOR: A. SOUSA GOMES
REDACTORES PRINCIPAIS: LUÍS BRAZ TEIXEIRA e JOSÉ BRITO
EDITOR: JORGE BRAGA
ADMINISTRAÇÃO: ANTÓNIO FALCÃO e LUÍS MENDES DE ALMEIDA
DELEGADO EM COIMBRA: JOÃO PATRÍCIO
DELEGADO EM LISBOA: PEDRO LEITÃO
DELEGADO NO PORTO: FRANCISCO ALVELOS

ÓRGÃO DA JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA CATÓLICA

JUC do Porto / CADC de Coimbra / JUC de Lisboa
COM APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIASTICA

Redacção e Administração
Campo dos Mártires da Pátria, 43
LISBOA

COMPOSTO E IMPRESSO NA
GRÁFICA IMPERIAL, LIMITADA
Telefone 84 44 09 — LISBOA

Estamos em véspera de Natal. O movimento das ruas dobrou; triplicou. Os automóveis buzina, imobilizados nas esquinas entupidas; as lojas regorgitam; os vendedores não têm mãos a medir; e as pessoas, os clientes, entram, saem, escolhem, regateiam, comprimem-se, acotovelam-se mas sorriem, sim, sorriem, — porque parece que todo o mundo está muito contente.

Todo o mundo, menos o velho Scrooge. O amargo e triste usurário só pensa em si mesmo, e não lhe sobram ouvidos para as vozes cor-

citado cor de cinza. Os vendedores embrulham em papéis sarapintados a espingarda que virou matéria plástica. Embrulham decepções. Caixa! Caixa! Caixa! O triciclo fica para o ano que vem, quando vier o aumento. Aliás, Toninho é ainda pequeno para o triciclo. E o vendedor embrulha aquilo em que se transformou o triciclo. Caixa! Caixa! Mamã, olha ali, que amor de boneca! E a mãe puxa a menina padrão M que deseja a boneca padrão C. Caixa!

O brinquedo resultante da judiciosa combinação entre

melancolia essa procissão de equívocos embrulhados. Quem terá o coração tão duro que dê uma pedra ao filho que pediu um peixe? Mas a dificuldade se resolve desde que se embrulhe a pedra em papéis festivos; e as mães letras L, M, N, conseguem convencer-se de que a pedra é uma nova espécie de peixe. E é isso que dói, e como dói! A alegria falsificada, a alegria que virou matéria plástica.

Não digo que seja impossível uma alegria verdadeira, uma alegria de criança, com um brinquedo

uma Virgem, na gruta de Belém, porque não havia lugar para eles nas hospedarias. Mas nesta hipótese, meu caro Dickens, eu exijo, em nome da mesma lógica que me mata, que a alegria seja de uma outra ordem, e que não dependa assim, em primeira linha, dos cálculos e dos orçamentos. Há alegria e alegria; há graus de alegria; espécies de alegria: desde a cócega no pé da criança até à paz que nasce de uma concórdia perfeita; desde a estrepitosa bomba cabeça-de-negro até à gratidão silenciosa que desabro-

— É para uma menina pobre. A filha da empregada.

Ela não podia, evidentemente, marcar em cem cruzeiros o limite do «seu orçamento», como queria o desajeitado vendedor; assim, dizendo que era para uma menina pobre, explicava-se melhor. Não era para ela; para filha dela, para sobrinha dela, para alguma criança de sua espécie, dela; de sua qualidade, de sua classe, de sua condição: era para a filha da criada.

O vendedor compreendeu logo que o problema se deslocava para um novo siste-



diais que cruzam os ares com votos de Natal venturoso. *Christmas! Merry, merry Christmas!*

Passa a funcionário letra O, o funcionário letra N, o funcionário letra M; e passam as esposas, as virtuosíssimas esposas dos funcionários, cada uma com sua alegria embrulhada num papel sarapintado de sinos e velas. Boas festas! Boas festas! Todo o mundo está alegre. Todo o mundo parece ter na alma hinos e luzes.

Todo o mundo, menos o velho Scrooge, que vê com olho mau e oblíquo essa inconveniente profusão de gastos inúteis.

As mães se cruzam com as mães; tias esbarram em tias. Andam no ar um milhão de cálculos secretos envolvendo bonecas, espingardas e triciclos. E o cálculo mitiga o júbilo. As mães do padrão M param pensativas nas portas das casas de brinquedos; e ali na porta fazem-se mais densos cálculos, as cifras, as suputações, as somas, as subtrações. A espingarda então encolhe e vira revólver de rolha; ou diminui ainda mais e se reduz a um engenhoso brinquedo de matéria plástica, que só funciona bem, como ficará provado mais tarde, nas mãos habilidosas dos vendedores. Os sonhos, tratados com o reagente das cifras, dão um pre-

gustavo corção:

MERRY CHRISTMAS!

um sonho e um orçamento vai agora escondido no embrulho; e a mãe M, longe dos outros brinquedos da loja, que doem pela comparação, reata o fio do sonho. Raciocina para reconquistar a pureza do sonho. Toninho vai gostar, Toninho vai ficar radiante.

Passam embrulhos; embrulhos levando pessoas pelo dedo. Vejam! Apareceu no sangue da cidade esse acúmulo de células imaturas. Onde está a espingarda? Onde está o triciclo? Viraram mieloblastos, detritos de sonhos, jovens, células segmentadas. Façam o exame de sangue da cidade! E eu quero ver o jogo fisionômico do dr. Aquiles quando abrir o papel.

Boas festas, dr. Aquiles! *Merry, merry Christmas!* Todo o mundo está contente. A mãe de Toninho, a múltipla mãe do colectivo Toninho, que mora em Copacabana, em Itapiru, em Jacarepaguá, divide-se, ramifica-se, decompõe-se numa densa multidão de dorsos femininos. Os bondes passam cheios de pernas, pernas letra M, pernas letra N, e os festivos mieloblastos embrulhados com sinos e velas entram a circular pela cidade. Todo o mundo está contente, menos o velho Scrooge.

Mas será mesmo verdade, ó amável Dickens, que todo

truncado e pobre. Não. É claro que uma alegria de criança pode nascer à toa; é claro que um pedaço desconjuntado de celulóide pode fazer feliz uma criança; é claríssimo que ainda não conseguiram secar, por mais que o tentem, as fontes vivas da infância, as riquezas de um coração menino que com pouco se contenta. Não. Continuem assim, por séculos e séculos, a enganar as crianças e os pobres. Sempre haverá pobres; sempre haverá crianças. Mas não é isso que mais me aflige. É também evidente que escolhe-se o dia do nascimento de Jesus para infligir uma festiva humilhação à pobreza. Basta pensar no Natal dos Pobres. As ruas se enchem de miseráveis em filas nos portões dos palácios. Se chove, fica ainda mais perfeito o espectáculo. Mas não é isso, ó Dickens, que mais me dói.

O que me dói é a falsificação, é o espírito de praxe que preside às tristes festividades dos homens. É dia de dar. A folhinha marcou o dia de comprar presentes. A vizinha da direita comprou, a vizinha da esquerda comprou. Eu preciso de comprar. É praxe. É uso. É costume. E todo o mundo fica contente de entrar na equação de um uso, de um costume. Da praxe. Todo o

cha na quietude das almas.

Exijo uma outra alegria, apoiada sem dúvida nas coisas visíveis, no celulóide se quiserem, porque os homens vivem de sinais visíveis. Mas apoiada de leve, como convém às coisas do puro amor. Não é assim que fazem os namorados quando guardam pequeninas lembranças? Não seria melhor dar de presente pétalas de rosas, leves pétalas, levíssimas hóstias de amizade perfeita?

Chamou-me a atenção o diálogo travado à porta de uma casa de brinquedos. A dama de azul, majestosa e autoritária, discutia com o vendedor obsequioso, que já dava mostras de impaciência. Passando de um para outro, ora nas mãos profissionais do vendedor, ora nas mãos finas e cheias de anéis da abastada freguesa, uma bonequinha preta de olho arregalado, e com uma cestinha de bananas na cabeça, parecia alheia à discussão:

— É muito cara.

— Foi remarcada, madame. A senhora não encontrará uma boneca destas por menos de cem cruzeiros... Mas se a senhora quiser temos outras bonecas mais baratas. Qual é o seu orçamento, madame!

A dama de azul franziu ligeiramente os sobrolhos.

ma de micro-unidades. Ninguém, evidentemente, mede em quilômetros o diâmetro de um glóbulo de sangue, nem mede em milímetros a distância de Sírius. Há o micron para o glóbulo e o ano-luz para os astros. Tudo tem suas dimensões, suas escalas adequadas, neste harmonioso universo.

Enquanto o novo sistema de unidades se estabelecia entre o vendedor e a majestosa senhora, eu olhava na vitrina um urso de astracá que comigo jogava o sério com seus olhos parados de contas azuis.

— Urso, amigo urso, diga-me, por favor, onde é que esconderam o menino Jesus?

O menino Jesus estava na esquina de Assembleia com Quitanda, no colo de uma mendiga. Ninguém desconfiava. As pessoas que passavam (*Merry, merry Christmas!*) não viam o menino Jesus instalado no seu nicho de miséria. E tinham razão. O menino Jesus escondia-se no pobre. Amarelado, encardido, manchado, dir-se-ia que a mendiga o tirara de uma lata de despejo.

Quando eu passei, ele tentava pegar a chupeta caída nos trapos sujos da mãe. Levava-a à boca, sem jeito, metendo os dedinhos nos lábios, de onde corria uma saliva clara e inocente. A mãe, de braço estendido, pedia uma esmola pelo amor de Deus. Seria mãe de verdade? Dizem que se alugam crianças para mendigar. A mendiga é falsa. A criança é falsa. A mãe é falsa. E dessa falsidade todo o mundo desconfia.

A chupeta caía de novo e perdia-se no seio miserável. Nesse momento, quando eu já me afastava, o menino olhou para mim. Seus olhos pousaram em meus olhos. Sim, lá dos abismos de sua inocência seus olhos subiram. E o menino sorriu. Para mim!

(Do romance «Lições de Abismo»)

(UM CONTO DE NATAL)

o mundo esteja contente? E a espingarda que virou celulóide? E o triciclo que ficou para o ano que vem! Embora antipático, quem tem razão é o velho Scrooge. Embora mesquinho, ele ao menos compreende uma coisa de capital importância; que é muito difícil dar. É a última coisa que se aprende; e é a primeira que se exige para um mundo habitável. E é por isso que eu vejo com

mundo, menos o antipático Scrooge.

Que Natal é esse que acentua as injustiças, que exaspera as paixões, que alarga os equívocos? Admitamos a festa da cidade, do país, do género humano. Admitamos a celebração de algum feito que a todos interesse. Admitamos que depois de amanhã o mundo se lembre da natividade do Salvador, que nasceu de

